

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARIA DE FÁTIMA SOARES DA SILVA**

**A LUTA DE MULHERES CAMPONESAS PELA CONQUISTA DA TERRA: UM  
ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS NO ASSENTAMENTO  
DONA ANTÔNIA NO MUNICÍPIO DE CONDE-PB**

João Pessoa – PB

2022

**MARIA DE FÁTIMA SOARES DA SILVA**

**A LUTA DE MULHERES CAMPONESAS PELA CONQUISTA DA TERRA: UM  
ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS NO ASSENTAMENTO  
DONA ANTÔNIA NO MUNICÍPIO DE CONDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para obtenção do título de  
licenciada em Pedagogia no Centro de Educação  
da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador:

Prof. Dr. Alexandre Magno Tavares da Silva

João Pessoa – PB

2022

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S5861 Silva, Maria de Fátima Soares da.

A luta de mulheres camponesas pela conquista da terra: um estudo sobre os processos socioeducativos no Assentamento Dona Antônia no município de Conde-PB / Maria de Fátima Soares da Silva. - João Pessoa, 2022. 82f. : il.

Orientação: Alexandre Magno Tavares da Silva.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Processos educativos. 2. Mulheres camponesas - protagonismo. 3. Educação popular. I. Silva, Alexandre Magno Tavares da. II. Título.

UFPB/CE

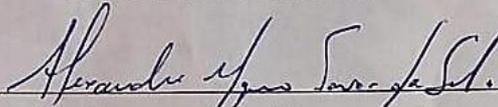
CDU 37(043.2)

**MARIA DE FÁTIMA SOARES DA SILVA**

**A LUTA DAS MULHERES CAMPONESAS PELA CONQUISTA DA TERRA:  
um estudo sobre os processos socioeducativos no Assentamento Dona Antônia no  
Município de Conde-PB**

Aprovado em: **07 de dezembro de 2022**

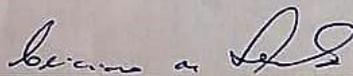
**BANCA EXAMINADORA:**



Prof. Alexandre Magno Tavares da Silva

CE/DME/UEPB

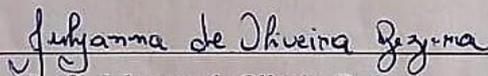
Orientador



Prof. Luciano de Sousa Silva

CE/DME/UEPB

Examinador Interno



Profª. Julyanna de Oliveira Bezerra

SEDEC/João Pessoa

Examinadora Externa

*Dedico este trabalho a Deus pelo dom da vida, à minha família, às mulheres do Assentamento Dona Antônia, em especial à minha mãe que luta incansavelmente por uma sociedade mais justa e inclusiva, às Irmãs de Maria de Banneux que foram e são meus exemplos de mulheres em doação de amor a Deus, ao próximo e à Nossa Senhora, ao meu esposo que me apoiou em todas as etapas da minha experiência acadêmica de graduação, à minha filha que é minha luz e fonte de inspiração para eu alcançar novos objetivos, à minha turma de graduação que muito contribuiu na minha formação, a todos os mestres que, coletivamente, me ajudaram a encontrar as respostas que buscava, em especial ao meu orientador Dr. Alexandre Magno Tavares e a todas as pessoas que lutam por um mundo mais humano, fraterno e justo, onde o amor e o respeito ao próximo sejam o eixo central em busca da paz.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter proporcionado a mim esta bênção que é estar apresentando este trabalho de conclusão de curso e, conseqüentemente, conquistar meu diploma em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba. Agradeço à nossa Mãezinha do Céu, Nossa Senhora, por sempre protegerme com Seu Manto Sagrado e interceder a Deus em todas as minhas orações.

Aos meus familiares, minha gratidão por apoiarem minha jornada neste curso proferindo a mim palavras positivas para que não desistisse e pudesse seguir em frente, mesmo tendo que estar diante dos percalços da vida.

À minha mãe que nunca mediu esforços para que pudesse atingir meus objetivos e tornar-me alguém melhor na vida. Foi a mulher que sempre me inspirou em tudo e que, mesmo nas dificuldades, conseguiu dar o seu melhor em apoio, proteção e carinho.

Ao meu tio Ricardo (Baú) que foi o maior incentivador para meu ingresso na universidade, foi ele quem me orientou a escolher este curso e me explicou, enquanto ainda tinha dúvidas, sobre o leque de oportunidades que posso almejar e alcançar com todas as experiências vividas durante a minha vida acadêmica.

Ao meu esposo, Wandilson, que se prontificou a estar do meu lado nos momentos bons e difíceis, momentos esses que foram necessários para que seguisse firme no nosso propósito em construir um futuro melhor para nós e nossa família. Obrigada por ser esse companheiro amigo, amável, cuidadoso e protetor e por termos construído uma família linda, especialmente na existência da nossa princesa Maria Lays.

À minha filha, Maria Lays, por existir neste momento de glória em minha vida, por tornar-me feliz e uma pessoa melhor todos os dias e por fazer-me lembrar que preciso dar o meu melhor para o seu melhor sempre.

À minha sogra, Isabel, que me ajudou cuidando da minha filha enquanto estava na universidade e dedicou seu tempo em dar amor, carinho e atenção e cuidado para Maria Lays. Meu sonho em tornar-me mãe naquela metade do curso só foi possível e concretizou-se graças a senhora durante todo o período da gestação e o nascimento da minha filha, pois sabia que poderia contar com seu apoio. Muito obrigada por tudo que já fez e faz por mim e minha filha.

Minha eterna gratidão ao Padre Alloysius Schwartz (*In memoriam*), amavelmente Pe. Al, fundador da Congregação das Irmãs de Maria de Banneux, o qual abriu as portas para que crianças pobres de diferentes países tivessem acesso a uma escola de qualidade, uma instituição chamada Escola Vila das Crianças, coordenada pelas Irmãs de Maria de Banneux, localizada no Brasil, na cidade de Santa Maria-DF. Esta instituição está presente nos seguintes países: Coréia do Sul, Filipinas, México, Guatemala, Brasil e Tanzânia. É uma instituição filantrópica que, além de oferecer uma educação de alta qualidade desde o Ensino Fundamental II ao Ensino Médio (técnico), agrega valores (moral e espiritual) como amor a Deus, amor ao próximo, respeito, gratidão, bondade e honestidade. Foi nessa instituição que recebi os melhores valores da vida que um ser humano possa se permitir receber, foi nessa instituição que pude descobrir meus talentos e o quanto sou amada por Deus e por todas as pessoas que querem o meu bem. O que Pe. Al e as Irmãs de Maria querem de nós, alunas e ex-

alunas da escola, está no seu lema “Sirvamos ao Senhor com alegria” e que sejamos como águias prontas para voarmos alto e contribuirmos com o nosso melhor para tornarmos o mundo mais fraterno. Obrigada às Irmãs Superiores Geral que assumiram o papel do nosso fundador na continuidade do compromisso com os pobres dos mais pobres: Madre Michaela (*In memoriam*) e Madre Maria Choe. Obrigada às Irmãs que assumiram a responsabilidade com a Escola Vila das Crianças, no Brasil, que doaram e doam seu tempo para transmitir às crianças todos os valores (moral e espiritual) para a vida: Irmã Jucunda, Irmã Margarita e Irmã Terezinha Shin. Obrigada às Irmãs que cuidaram diretamente de mim na Vila das Crianças e puderam compartilhar comigo todo o seu amor, cuidado, carinho e ensinamentos: Irmã Olga, Irmã Teresa Ladia, Irmã Merry Jane, Irmã Hortência e Irmã Irma. Muito obrigada Irmãs!

Aos professores da Escola Vila das Crianças que foram excelentes profissionais e que me proporcionaram conhecimentos extraordinários os quais foram primordiais e de grande relevância por todas as minhas conquistas até então realizadas: Rejane (Português/Inglês), Aparecida (Português), Emília (Ciências), Marcelo (Geografia), Marcelo Mesquita (Primeiros Socorros), Ana Paula (Ed. Física), França (Química), Amaury (História), Telma (História), Hianny (Culinária), Maria da Guia (Filosofia/Sociologia), Taís Íris (Biologia), Anderson (Matemática/Física), Ranaziela (Artes), Ivan (Geografia), Fabrício (Inglês), Rose (Biologia), Thaíz (Biologia), Gicélia (Informática), Renata (Enfermagem), Vanderlan (Enfermagem), Rodrigo Ribeiro (Enfermagem), Gleici (Odontologia), Eusiléia (Português), Carmem (Ed. Física), Meire (Espanhol), Maria Abadia (História), Michele (Música), Ate Edna (Inglês), Ate Maricris (Corte e Costura), Ate Norma (Corte e Costura), Ate Naxiely (Tae Kwan Do), Ate Bernarda (Corte e Costura), Ate Sherlyn (Informática), Ate Ireneia (Informática), Ate Seny (Corte e Costura).

Aos meus professores na Universidade Federal da Paraíba, minha eterna gratidão por vocês terem compartilhado comigo seus conhecimentos e terem proporcionado, com explicações riquíssimas, espaços para o diálogo e perspectivas diferentes a fim de dialogarmos sobre autores que contribuíram e contribuem para o desenvolvimento na educação e para a sociedade brasileira.

Ao meu orientador Professor Doutor Alexandre Magno Tavares da Silva, minha eterna gratidão por aceitar o convite para orientar-me neste trabalho de conclusão de curso. Professor dotado de grandiosa sabedoria e, sabiamente, compartilhou comigo suas experiências e vivências, as quais nortearam-me nos escritos deste trabalho. Também é uma pessoa que carrega consigo valores essenciais, pessoalmente e profissionalmente: honestidade, humildade, compromisso, gratidão. Professor, também sou muito grata ao senhor por ter tanta empatia comigo, foi compreensivo ao conhecer sobre minha realidade e das dificuldades que tive para conseguir concluir o curso. Sou grata a Deus pela sua vida, professor, e por Ele enviar o senhor para participar de mais uma etapa importante na minha vida.

À professora Julyanna de Oliveira Bezerra e ao professor Luciano de Souza Silva que, prontamente, aceitaram o convite para compor a banca examinadora deste trabalho e, através de suas experiências trabalhadas com o tema abordado, puderam contribuir compartilhando suas perspectivas acerca deste estudo a fim de torná-lo cientificamente melhor.

Aos meus colegas de classe que foram indispensáveis durante o meu processo de formação na universidade, período em que caminhamos juntos nesta jornada tão importante em nossas vidas, compartilhando e construindo nossas opiniões através das nossas experiências de vida. Acompanhamos juntos o progresso de cada um e também soubemos dar as mãos quando havia dificuldades. Ânimo, desânimo, expectativas, frustrações, alegrias, tristezas, foram alguns dos sentimentos envolvidos durante nossas vivências acadêmicas, mas que aprendemos a lidar com eles por meio da construção do nosso amadurecimento. A Maria de Fátima que ingressou na universidade não é a mesma que concluiu este curso, em termos de perspectiva de mundo e um olhar especial para a educação, e foi com vocês que aprendi a ter mais empatia e respeito com o próximo. Aos meus colegas de turma: Edilúcio, Julyanna, Rebeca, Stephanny, Lucile, Wagner, Jéssica, Alcione, Keylla, Matrid, Milca, Caroline, Maria Eduarda, Danielle, Isabelle, Mariana, Cláudia, Thaís, Dayse, Micaella, Layane, Adriana, Thalita, Maria Jakcielly, Fabiana, Andressa, Natália, Luciano, Tarciane, Camila, Eduardo, Rozeane, Thayná, muito obrigada. Tenham certeza que, com cada um de vocês, levarei um aprendizado para a vida.

Às minhas amigas da turma, Elisa e Sílvia, minha gratidão por terem aberto as portas para nossa amizade, por terem compartilhado e estarem comigo nos meus momentos mais particulares, por terem me dado a chance de conhecer de perto a grandeza do coração de vocês, por estarem comigo e estenderem as mãos aconselhando-me e me motivando nos momentos de angústia, aflição, mas também compartilhar com vocês minhas alegrias, por me permitirem participar de cada conquista na vida de vocês assim como vocês das minhas. Saibam que vocês foram meu alicerce na universidade e que levarei nossas trocas de experiências para toda a vida.

A um casal de amigos, Sandra e Kléber, que me ajudaram em um dos momentos mais difíceis durante a realização deste trabalho de conclusão de curso, momento em que tive dificuldades com meu computador e eles cederam o deles para que concluísse meu trabalho. Muito obrigada meus amigos!

Às demais pessoas que se fizeram presentes durante minha vida acadêmica e não foram citadas nesses agradecimentos, minha eterna gratidão por agregarem conhecimentos para que me tornasse um ser humano melhor.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral, apresentar um estudo em torno de processos socioeducativos presentes na luta de mulheres camponesas no contexto da conquista da terra do Assentamento Dona Antônia, no município do Conde/Paraíba no período de 1995 e 1996, atentando para a construção de um protagonismo das mulheres camponesas. Buscou-se, tomando como aspecto relevante, a recuperação da memória histórica e o protagonismo social das mulheres camponesas nesse processo. O termo protagonismo das mulheres justifica-se pelo fato das mulheres forjarem-se enquanto agentes modificadores da história; elas mesmas conquistando, através da organização, o direito à liberdade de participar das questões culturais, educativas, históricas, econômicas e políticas da comunidade. Enquanto objetivos específicos temos: **a)** Apresentar a luta e a conquista da terra enquanto uma construção feminina; **b)** Recuperar a memória histórica do papel social das mulheres camponesas no Assentamento Dona Antônia no município do Conde/Paraíba; **c)** Analisar o processo socioeducativo enquanto contribuição no protagonismo das mulheres camponesas no Assentamento Dona Antônia no município do Conde/Paraíba. A fim de atender esses objetivos nos apoiamos teoricamente nos estudos de pensamento pedagógico e social do professor Paulo Freire sobre a Educação Popular e a Educação como um processo de prática da liberdade, Carlos Rodrigues Brandão em sua reflexão em torno da educação enquanto experiência comunitária, e Roseli Caldart sobre a construção de uma pedagogia que surge no processo de luta pela conquista da terra. No campo metodológico procurou-se traçar um caminho do qual fizeram parte os seguintes aspectos: a pesquisa bibliográfica e documental, enquanto técnicas procedimentais e a elaboração de um roteiro de questionário para orientar as entrevistas realizadas com as camponesas e a análise das falas das entrevistadas. Enquanto parte dos resultados constatamos que a experiência das mulheres na luta pela conquista da terra proporcionou às mulheres camponesas o tecimento de um protagonismo feminino, a busca de conhecimentos por seus direitos e uma participação mais ativa no Assentamento Dona Antônia que resultou em avanços na comunidade como, por exemplo, a aquisição de um trator novo conquistado pela diretoria das mulheres em 2016.

**Palavras-chave:** Processos educativos, Protagonismo das mulheres camponesas, Luta pela terra, Educação popular.

## ABSTRACT

The general objective of this course completion work is to present a study of the socioeducational processes present in the struggle of peasant women in the context of the conquest of the land of the Dona Antônia Settlement, in the municipality of Conde/Paraíba in the period of 1995 and 1996, focusing on the construction of a leading role for peasant women. It was sought, taking as a relevant aspect, the recovery of the historical memory and the social protagonism of peasant women in this process. The term "protagonism of women" is justified by the fact that women forge themselves as modifying agents of history; they themselves conquer, through organization, the right to freedom to participate in cultural, educational, historical, economic and political issues of the community. As specific objectives we have: a) To present the struggle and the conquest of the land as a feminine construction; b) To recover the historical memory of the social role of peasant women in the Dona Antônia Settlement in the municipality of Conde/Paraíba; c) To analyze the socio-educational process as a contribution to the protagonism of peasant women in the Dona Antônia Settlement in the municipality of Conde/Paraíba. In order to meet these objectives, we based ourselves theoretically on the pedagogical and social studies of Professor Paulo Freire on Popular Education and Education as a process of freedom practice, Carlos Rodrigues Brandão in his reflection about education as a community experience, and Roseli Caldart on the construction of a pedagogy that emerges in the process of struggle for the conquest of the land. In the methodological field, we tried to trace a path which included the following aspects: the bibliographical and documental research, as procedural techniques and the elaboration of a questionnaire script to guide the interviews carried out with the peasant women and the analysis of the interviewees' speeches. As part of the results, we found that the experience of women in the struggle for the conquest of the land provided peasant women with a female protagonism, the search for knowledge about their rights and a more active participation in the Dona Antônia Settlement, which resulted in advances in the community such as, for example, the acquisition of a new tractor conquered by the women's board in 2016.

**Key words:** Educational processes, Protagonism of peasant women, Struggle for land, Popular education.

## LISTA ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Celebração da Missa, por Frei Anastácio, pela vida da conquista da terra em 20 de novembro de 2021	14
<b>Figura 2</b> - Ofertório, durante a Missa de celebração de vida do Assentamento Dona Antônia, feito pelos camponeses com os frutos de suas colheitas na roça	15
<b>Figura 3</b> - Companheira Dona Antônia	16
<b>Figura 4</b> - Rio Braúnas	14
<b>Figura 5</b> - Coqueiral - Início quando a terra era improdutiva	18
<b>Figura 6</b> - Os capangas do ex proprietário da terra destruindo as lavouras dos agricultores com o trator	19
<b>Figura 7</b> - Prisão dos companheiros após tentarem se defender da polícia	20
<b>Figura 8</b> - Dorival, membro da CPT preso	20
<b>Figura 9</b> - Frei Anastácio preso	21
<b>Figura 10</b> - Acampamento com as barracas de palha	41
<b>Figura 11</b> - Policiais com ordem para o primeiro despejo	43
<b>Figura 12</b> - Policiais com ordem do segundo despejo para os trabalhadores desocuparem as terras	44
<b>Figura 13</b> - Donativos da Igreja Católica para os acampados	45
<b>Figura 14</b> - Primeiro espaço para as reuniões dos acampados na primeira entrada nas terras da Fazenda Baraúnas Tabatinga	52
<b>Figura 15</b> - Acampados reunidos junto com membros da CPT	52
<b>Figura 16</b> - Apoio da comunidade de Gurugí em oferecer espaço para os acampados após o primeiro despejo	59
<b>Figura 17</b> - Agrovila do Assentamento Dona Antônia	66
<b>Figura 18</b> - Escola no Assentamento Dona Antônia	66
<b>Figura 19</b> - Construção da Igreja Católica no Assentamento Dona Antônia	67

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CPT** – Comissão Pastoral da Terra

**MST** - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

**INCRA** - Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos

**SUDENE** - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

**MMB** - Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo

**MMT/PB** - Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba

**CUT** - Central Única dos Trabalhadores

**FETAG** - Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras.

**STR** - Sindicato de Trabalhadores Rurais

**APP** - Área de Proteção Permanente

**UFPB** - Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	14
2. A LUTA E A CONQUISTA DA TERRA ENQUANTO UMA CONSTRUÇÃO FEMININA.....	27
3. O PAPEL SOCIAL DAS MULHERES CAMPONESAS NO ASSENTAMENTO DONA ANTÔNIA NO MUNICÍPIO DO CONDE/PARAÍBA.....	41
4. O PROCESSO EDUCATIVO ENQUANTO CONTRIBUIÇÃO PARA O PROTAGONISMO DAS MULHERES CAMPONESAS.....	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76
7. APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA DAS CAMPONESAS.....	79
8. APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APRESENTADO À PRESIDENTE DOS TRABALHADORES RURAIS DO ASSENTAMENTO DONA ANTÔNIA .....	80
9. APÊNDICE C. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE ENTREVISTAS. ....	81

## 1. INTRODUÇÃO

O interesse em investigar os processos educativos presentes na luta e conquista da terra pelas mulheres camponesas no Assentamento Dona Antônia (localizado na cidade do Conde/Paraíba), bem como a contribuição desse processo na construção de um protagonismo das mulheres do campo, se deu pelo fato do meu convívio e conhecimento das mulheres que participaram no processo de luta pela conquista da terra neste assentamento e do meu pertencimento, enquanto mulher, dentro desse espaço.

O convívio com essas mulheres na comunidade fez parte da minha infância até os dias atuais. Ao longo dos anos, percebi existirem mulheres que cuidavam dos filhos e dos afazeres domésticos; as que exerciam tais demandas e ainda acompanhavam ativamente o esposo nos serviços da roça; as que buscavam qualificar-se em outros ramos<sup>1</sup> a fim de melhorarem a situação econômica da família e as que assumiam a responsabilidade para resolver aspectos burocráticos da comunidade<sup>2</sup>. A partir dessas características presentes na vida das mulheres no assentamento, destacamos a necessidade de refletir a respeito do papel desempenhado por cada uma dessas

---

<sup>1</sup> Algumas mulheres camponesas da comunidade, quando já residiam na agrovila, procuraram outros trabalhos, além da agricultura, para poderem ter outra opção de renda e, dessa forma, qualificarem-se neles. Como a nossa comunidade localiza-se em uma região litorânea e turística, os trabalhos aparecem nesses ramos: cozinheiras de bares e restaurantes, camareiras, faxineiras e recepcionistas em hotelarias. Outras buscaram essa melhoria através dos estudos, principalmente na graduação do curso de Pedagogia com o objetivo de ingressarem nas escolas da rede municipal de Conde-PB. <sup>2</sup> Os aspectos burocráticos da comunidade que algumas mulheres resolvem estão relacionados à regularização de documentos junto aos órgãos públicos e privados. Por exemplo: O INCRA é o órgão do governo que fornece a Certidão válida, a RB (Relação de Beneficiários) é um site do governo federal, disponível através do site do INCRA que consiste em reconhecer os agricultores como assentados. Outro documento que o INCRA também fornece é a CU (Concessão de Uso) que é quando o assentamento ainda não é emancipado e para construir algo é necessário esse documento. Outros documentos que são importantes para o assentamento são as Certidões Negativas do município do Conde, do Governo do Estado da Paraíba, do Governo Federal, FGTS (Fundo de Garantia do tempo de Serviço) e trabalhista que consistem em comprovar a negatividade nesses órgãos, ou seja, se existe alguma pendência negativa do assentamento em algum desses órgãos. Outro documento importante é o Título da Terra que dá o direito adquirido aos agricultores após assentados por algum tempo, mas para isso devem ter cumprido com os requisitos exigidos pelo órgão (INCRA): Exploração e produção no lote; Não se ausentar da casa do lote (ou da agrovila); Não agredir o meio ambiente, não desmatando as APPs (Áreas de Proteção Ambiental).

mulheres na comunidade, a fim de caracterizá-las como protagonistas na história do Assentamento Dona Antônia, independente do papel que exerçam.

As histórias dos principais acontecimentos de resistência, como também reexistência na luta pela terra são sempre lembrados, todos os anos, na missa de celebração da vida pela conquista da terra em 20 de novembro<sup>1</sup> (Dia da Consciência Negra) por aqueles que ali estavam presentes, especialmente quando é relatado sobre a prisão dos sete companheiros, incluindo duas mulheres.

**Figura 1 - Celebração da Missa, por Frei Anastácio, pela vida da conquista da terra em 20 de novembro de 2021.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

---

<sup>1</sup> A data escolhida para comemoração pelos assentados se refere à primeira entrada dos agricultores no acampamento.

---

**Figura 2 - Ofertório, durante a Missa de celebração de vida do Assentamento Dona Antônia, feito pelos camponeses com os frutos de suas colheitas na roça.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

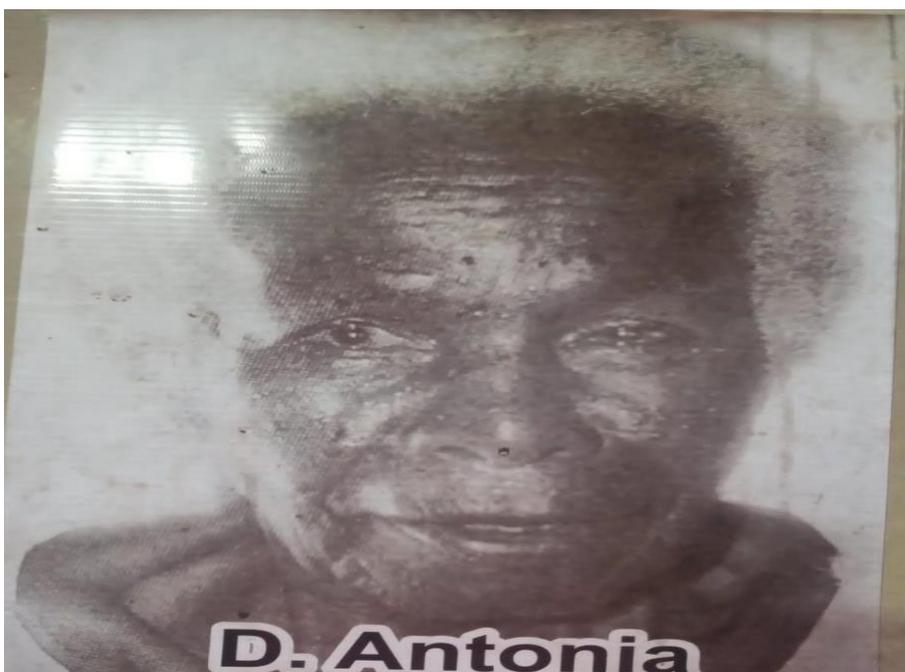
Não eram quaisquer mulheres, eram mulheres que não tinham medo de falar o que pensavam para poderem resistir e proteger os companheiros das perseguições por parte dos latifundiários. Eram mulheres que buscavam notícias e ficavam informadas sobre o processo de desapropriação da terra e eram mulheres que, no contexto local, já estavam marcadas até para morrerem.

Duas foram as mulheres encarceradas: Rosilda, 53 anos e Ires (conhecida como Bahia, mãe de Rosilda), 67 anos. Rosilda, por certo, é a minha mãe, por isso desde criança sempre eu escutava histórias da resistência da luta contadas por ela e por minha avó (Bahia) durante o processo de conquista pela terra, e despertou-me a

curiosidade em conhecer e aprofundar mais a respeito do papel desempenhado pelas mulheres na luta pela conquista da terra do assentamento Dona Antônia.

O Assentamento Dona Antônia está localizado na zona rural da cidade do Conde/Paraíba. A área, no ano de 2022, abriga cerca 110 famílias como titulares dos lotes, divididos igualmente pelas políticas de reforma agrária. O assentamento chamase Dona Antônia em homenagem à camponesa mais antiga, com descendência de escravos, que faleceu ainda no acampamento no ano de 1996 com a idade de 117 anos, poucos meses antes da desapropriação das terras.

**Figura 3 - Companheira Dona Antônia.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

As terras que o latifundiário Almir Correia tomou posse pertenciam aos povos nativos, os índios tabajaras, e chamava-se Baraúnas, inclusive tem o rio que também leva esse nome até hoje na região “Rio Baraúnas”. Para entendermos melhor esta História, o latifundiário Almir Correia fazia parte de um grupo de grileiros que expulsavam os índios e se apossavam de suas terras e, após fazer um financiamento

junto à SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste)<sup>2</sup>, denominou a área das terras como “Fazenda Baraúnas Tabatinga”. O senhor Almir Correia,

---

proprietário da então fazenda, resolveu fazer um investimento para a criação de bovinos e plantio de coqueiros. Para isso, resolveu fazer um empréstimo à SUDENE, mas ele não conseguiu pagar o empréstimo e estava ciente que suas terras já estavam para serem tomadas pelo Estado, já estavam hipotecadas, ou seja, as terras foram oferecidas como garantia para o pagamento do empréstimo. Nessas condições, a Lei N° 8.629, de 25 de Fevereiro de 1993, Art. 2 § 1º regulamenta que, “compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social”.

#### **Figura 4 - Rio Braúnas.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

Para tentar livrar-se desses "maus lençóis", o senhor Almir Correia recorreu a alguns de seus trabalhadores e arrendatários<sup>3</sup> que moravam nas comunidades de Gurugí e Jacumã e que eram de sua “confiança” para tratar de um plano. O plano seria

---

<sup>2</sup> A SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) foi criada em 1959, com sede em Recife. Era uma autarquia diretamente subordinada à Presidência da República com a missão de combater o quadro de seca, desemprego, êxodo rural e domínio oligárquico na região.

<sup>3</sup> Arrendatários são pessoas que usufruem, plantando, nas propriedades de terra de outras pessoas mediante um acordo de pagamento posterior ao proprietário da terra.

o de forjar uma invasão por parte desses trabalhadores às terras e, cedidas aos mesmos por meio da reforma agrária, Almir Correia continuava comandando do mesmo jeito. Mas não aconteceu dessa maneira, pois essa notícia vazou e a CPT (Comissão Pastoral da Terra) tomou conhecimento e espalhou para diferentes

---

comunidades, tanto do Estado da Paraíba quanto para outros estados vizinhos, como a exemplo de Pernambuco.

Com todas essas informações, foi criada uma comissão formada por alguns trabalhadores, articulados pela CPT, visando inspecionar (fazer a vistoria) a improdutividade das terras, condição para que ocorresse a desapropriação. A improdutividade foi constatada e, na madrugada de 20 de novembro de 1995, cerca de 210 famílias ocuparam as terras na fazenda Baraúnas Tabatinga e ali permaneceram resistindo às perseguições do latifundiário Almir Correia.

**Figura 5 - Coqueiral - Início quando a terra era improdutiva.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

Para compreendermos sobre o papel social das mulheres camponesas no processo de conquista pela terra no assentamento fez-se necessária a recuperação da memória desse processo sob o olhar das próprias mulheres, através da sua participação ativa e significativa como forma de sacramentar o resultado: a conquista da tão sonhada terra. Também é relevante destacar a importância da imprensa<sup>4</sup> que

---

registrou momentos marcantes, como a exemplo das reuniões conduzidas pelos camponeses e camponesas, o dia-a-dia no acampamento, a destruição das plantações dos acampados feitas por “capangas” (trabalhadores dos latifundiários) com os tratores e a prisão dos sete companheiros<sup>5</sup> (inclusive mulheres).

**Figura 6 - Os capangas do ex-proprietário da terra destruindo as lavouras dos agricultores com o trator.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

---

<sup>4</sup> Desde o início de sua existência em 1975, a Comissão Pastoral da Terra registra os conflitos que envolvem os trabalhadores do campo e denuncia a violência por eles sofrida. Em 1985, a CPT criou um setor de Documentação para colher as informações sobre as violações aos direitos humanos no

<sup>5</sup> No período da luta pela conquista da terra no assentamento Dona Antônia aconteceram dois despejos e a prisão dos sete companheiros aconteceu no segundo despejo, através de apontadores do exproprietário senhor Almir Correia que indicavam aos policiais os camponeses que, para eles, eram os que lideravam o grupo e também sabiam quem eram os camponeses que moravam em Gurugí. Dentre os sete companheiros presos, seis pertenciam à comunidade de Gurugí, incluindo duas mulheres: Dorival (membro da CPT), Elias, Marinaldo, Clodoaldo, Rosilda e Ires (mãe de Rosilda, mais conhecida como Bahia). O outro preso foi Frei Anastácio. Os camponeses foram acusados por formação de quadrilha e passaram 8 dias presos. A CPT disponibilizou advogados para cuidarem do processo de liberdade desses trabalhadores e designou o advogado Luiz Eduardo Greenhalgh (advogado e político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores e ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Membro fundador do PT, Greenhalgh também foi filiado de 1974 a 1980 ao MDB, partido que até então reunia a oposição civil à ditadura). Na época assumia o cargo de vice-prefeito de São Paulo e era considerado um dos melhores advogados do Brasil. Após serem libertos, os camponeses ainda passaram por mais uma acusação, pois os proprietários da Fazenda Baraúnas Tabatinga forjaram uma ação de queimar equipamentos da fazenda e colocaram a culpa nos mesmos trabalhadores que haviam sido presos. Por conta de mais essa acusação, os camponeses passaram dois anos e seis meses respondendo em liberdade e em todos os meses deveriam apresentar-se no Fórum Criminal de Alhandra-PB e no Fórum Cível de João Pessoa-PB.

campo e sistematizá-las. Esses dados foram publicados em um relatório que se chamou Conflitos no Campo Brasil, que também ficou conhecido como Caderno de Conflitos. A partir daquela data até hoje, a CPT publica anualmente este relatório. Desde 2011 ele se encontra disponível no site da CPT: [www.cptnacional.org.br](http://www.cptnacional.org.br). A partir de 2013, o setor passou a se denominar Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. Este Centro atua em estrito cumprimento às normas e procedimentos estabelecidos para o tratamento e organização de documentos, tendo a sua atuação pautada não só pela mera organização documental, mas pela análise crítica e aprofundada desse material, no intuito de organizar o registro da luta e a história dos movimentos sociais do campo.

Fonte: CEDOC Dom Tomás Balduino – CPT. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/cedoc>>. Acesso em 25 ago. 2022.

**Figura 7 - Prisão dos companheiros após tentarem se defender da polícia.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

**Figura 8 - Dorival, membro da CPT preso.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

**Figura 9 - Frei Anastácio preso.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

Essas informações acima, sobretudo acerca do plano do senhor Almir Correia em forjar uma ocupação em suas terras com outros trabalhadores, não são de conhecimento de todos os agricultores e agricultoras do assentamento até os dias atuais, pois, na época que foi descoberto esse plano, era necessário o máximo de sigilo por parte de quem informou à CPT e a mesma, com a ajuda da igreja católica, agiu o mais rápido para que as terras fossem ocupadas sem o conhecimento do expropriatório.

Muitos agricultores(as) possuem apenas o conhecimento que a terra foi desapropriada pela questão da dívida do senhor Almir Correia e pela improdutividade na terra, no entanto, tenho a oportunidade de conhecer essa história com mais detalhes através dos depoimentos das mulheres agricultoras que concederam entrevista e dos arquivos, como a exemplo de fotos e vídeos, existentes na

comunidade. Durante algumas conversas no dia a dia com minha mãe, descobri essa parte da história a qual desconhecia, por isso a necessidade em aprofundar meus conhecimentos a respeito da história do assentamento Dona Antônia e torná-la acessível ao conhecimento das presentes e futuras gerações do nosso assentamento e, no âmbito acadêmico, para futuras investigações sobre o tema das mulheres sendo protagonistas nesse processo de conquista de luta pela terra.

Esta pesquisa possui um caráter qualitativo na qual, segundo Denzin e Lincoln (2006, p.23) “os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação”.

A pesquisa de campo compreende aprofundar os estudos acerca dos processos educativos na luta de mulheres camponesas pela conquista da terra no Assentamento Dona Antônia, localizado no município de Conde/Paraíba, e, para orientar a análise de conteúdo das falas com as camponesas, foi utilizada a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. A finalidade em utilizar essa modalidade de entrevista neste estudo foi o de adquirir informações sobre as experiências que foram essenciais para que as mulheres fossem tomadas enquanto protagonistas na luta pela conquista da terra nesse assentamento.

Enquanto técnicas procedimentais foram empregadas a pesquisa bibliográfica e documental, por meio de arquivos existentes na comunidade (fotos, vídeos, textos), falas de mulheres que descreveram sua história na luta no processo de desapropriação e conquista pela terra, buscas por monografias e dissertações no repositório da UFPB, artigos e sites científicos que estão relacionados com o tema dos processos educativos que envolvem o protagonismo das mulheres camponesas na luta pela conquista da terra.

Em termos metodológicos, foi elaborado um roteiro de questionário para orientar as entrevistas realizadas com as camponesas no ano de 2022. Para tanto, foram escolhidas quatro mulheres e a escolha delas se deu através de uma conversa com minha mãe, Rosilda, que me orientou sobre a atuação delas na luta pela conquista da terra: 3 residentes na vila das casas do Assentamento Dona Antônia, Rosilda, 53 anos; Maria Nailde, 48 anos e Nadilza, 53 anos. Tereza, 68 anos, mais

conhecida como “Dona Teca”, foi a quarta entrevistada que optou por residir na sua área de produção, no roçado, e justifica essa escolha:

*Quando ganhamos a luta e teve o projeto das casas eu não queria minha casa na agrovila<sup>6</sup>, queria no roçado. Fizeram 108 casas, eu tinha meus motivos por que pensava que um dia a agrovila ia virar rua e porque ia ficar muito longe da minha área<sup>7</sup>, quando chegasse no roçado já estava enfadada (cansada), não ia ter disposição para trabalhar mais e quando saísse de lá ia chegar de noite em casa, ninguém não tinha moto, carro, não tinha nada na vida. Nossa casa na agrovila ficou separada das demais porque depois resolvemos fazer, eu e comadre Maria de Garapu. Logo soube que o povo da comunidade disse que quem fizesse a casa tinha que morar, e isso não me fazia bem, mas depois o presidente do INCRA mandou chamar eu e comadre Maria de Garapu e esclareceu que não era obrigado morar na vila, então hoje estou por aqui na minha área e quem vive lá na agrovila é minha filha com o esposo e filha deles.*

Quando Dona Teca expressa sua vontade e de sua comadre Maria de Garapu em “*não ter que morar na agrovila, porque um dia poderia virar rua*”, é por não ter que conviver com barulhos característicos de ruas, como, por exemplo, carros, motos, gritos de pessoas e músicas em tom exagerado. Isso também está relacionado com a moradia anterior delas ao acampamento, pois viviam em sítios que se caracterizavam por ser espaços longe de movimentos de carros, motos ou qualquer outro tipo de incômodo.

Este estudo fundamenta-se no pensamento pedagógico e social do professor Paulo Freire, sobre a Educação Popular e a Educação como prática da liberdade. Este

---

<sup>6</sup> Agrovila é uma habitação de cunho social, , porém, que mesmo sendo em ambiente rural, guarda proximidade com a cidade. As culturas agrícolas e até mesmo pecuárias, desenvolvidas em uma agrovila, são as mais diversificadas possível. Sua produção é largamente utilizada para a subsistência de seus moradores, mas também pode ser comercializada. O escoamento dos produtos oriundos de agrovilas pode, conforme a capacidade de produção e outros fatores, ser feito através da venda em feiras urbanas. Pequenas e médias empresas também compram parte ou mesmo toda a produção em alguns locais e casos mais específicos. **Principais objetivos de uma agrovila:** Qualidade de vida (através do acesso à moradia, saúde, educação, socialização e principalmente à terra, uma agrovila pode proporcionar maior qualidade de vida a seus moradores); geração de emprego / renda (ao ajudar a evitar o êxodo rural, as agrovilas fomentam a geração de mais empregos e, por consequência, maiores possibilidades de renda, ainda no campo.

Fonte: Agro 2.0 em <a href="https://agro20.com.br/agrovila/">Agrovila, além de ser moradia, também produz alimentos e gera renda</a>

<sup>7</sup> Área nesse sentido está relacionada ao roçado de dona Teca, espaço para sua produção com sua família.

Educador e Pensador, tece seus pensamentos no respeito à liberdade dos educandos

---

e considera a importância do vocabulário e participação popular como forma de buscar a interferência do povo na estrutura do sistema de ensino. Levanta também a questão da educação possibilitar ao homem a discussão de sua realidade e compreende a educação como uma forma de diálogo no qual se faz necessário estabelecer uma relação de diálogo horizontal de A com B que, conseqüentemente, gera criticidade e nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Já o oposto disso, é o antidiálogo que é uma relação vertical de A sobre B. Weffort, em “Educação e Política (Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade)” descreve que “no antidiálogo quebra-se aquela relação de “simpatia” entre seus pólos, que caracteriza o diálogo. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados” (WEFFORT, p.108).

Roseli Caldart, sobre a pedagogia do movimento Sem Terra, faz-nos refletir sobre a trabalhadora e o trabalhador sem-terra enquanto sujeitos socio culturais, pois seus modos de vida estão relacionados com as suas ações e formas de atuação na sociedade, incluindo princípios e convicções produzidos e reproduzidos entre as gerações. Esta autora também faz-nos compreender sobre a relação da escola com os movimentos sociais, traçando a trajetória da questão da educação escolar no MST.

Carlos Rodrigues Brandão, sobre a educação enquanto experiência comunitária, na expressão de uma Educação Popular, traz uma discussão sobre a dimensão dos saberes que circulam e acontecem naturalmente através das vivências comunitárias, cujo aprendizado dos sujeitos (mulheres e homens) não necessariamente é explícito verbalmente, mas através da observação das atividades desenvolvidas na rotina desses sujeitos ou em atividades culturais na qual os sujeitos estão inseridos na produção e reprodução de uma tradição da comunidade, seja, por exemplo, relacionada à performance de uma dança ou ao manuseio de um instrumento musical.

Em pesquisa no repositório institucional da UFPB, com objetivo de encontrar trabalhos que estivessem relacionados ao tema abordado neste estudo, foi encontrada a dissertação de mestrado apresentada por Ivanilson Batista da Silva, que investiga

sobre “O protagonismo das mulheres camponesas na luta pela terra em Amarela I e II, município de São Miguel de Taipu-PB”<sup>10</sup>, que apresenta a atuação das mulheres daquele município na luta pela conquista da terra e o reconhecimento da participação dessas mulheres que, incansavelmente, lutaram em busca dos seus direitos.

Este estudo está organizado em três capítulos que propõem descrever e analisar a presença de processos socioeducativos na luta de mulheres camponesas no contexto da conquista da terra do Assentamento Dona Antônia, no município do Conde/Paraíba no período de 1995 e 1996.

O primeiro capítulo apresenta a luta e a conquista da terra enquanto uma construção feminina, trazendo uma discussão mais ampla da conquista pela terra focando sobretudo no papel das mulheres, tece considerações em torno do papel protagonista das mulheres na sociedade e a relação dos movimentos sociais com os processos educativos. Alguns pontos foram traçados com o intuito de organizar melhor este capítulo: A educação como experiência comunitária; A divisão social dos saberes; A luta pela terra como direito humano; O papel dos movimentos sociais, de forma geral e especificamente no campo; O lugar ocupado pelas mulheres na luta pela terra.

No segundo capítulo buscamos recuperar a memória histórica do papel social das mulheres camponesas no Assentamento Dona Antônia no município do Conde/Paraíba, descrevendo a participação dessas mulheres na rotina das atividades no acampamento, com o apoio de imagens contidas nos arquivos da comunidade e através das narrativas das mulheres entrevistadas, além de compreendermos o direito à terra como meio de justiça social para atender aqueles que pretendem usufruir da terra e, dessa, garantir melhores condições de vida para sua família. Ainda nesse capítulo é possível observarmos que as narrativas das entrevistadas revelam sobre as interferências que o ex-proprietário das terras fez com o objetivo de não permitir o avanço dos trabalhadores pela conquista da terra, os dramas e conflitos enfrentados pelos camponeses e o apoio fundamental que receberam da comunidade vizinha de Gurugí, especialmente das mulheres.

---

10 SILVA, Ivanilson Batista da. O protagonismo das mulheres camponesas na luta pela terra. 2016. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8751>>

No terceiro capítulo tecemos elementos para a análise do processo socioeducativo enquanto contribuição no protagonismo das mulheres camponesas no Assentamento Dona Antônia, ou seja, o fazer e as experiências dos sujeitos serem o eixo central no processo de aprendizagens na luta em comunidade, na qual consideramos que o aprendizado dessas mulheres é fruto do envolvimento das mesmas nas atividades do acampamento, sejam realizando a função de cuidar dos filhos, cozinhar e compartilhar o alimento para o coletivo, trabalhar diretamente na roça e, para algumas, assumir o papel de liderança no acampamento. Nesse capítulo também mostra a importância das frequentes reuniões que aconteciam entre os agricultores junto com a CPT, o surgimento de lideranças femininas no acampamento, a perseguição do ex-proprietário à algumas mulheres, a implantação da escola ainda no período de acampamento e as considerações pessoais das entrevistadas a respeito de suas origens antes de ingressarem no acampamento, considerando os aspectos familiares e econômicos e sobre a questão de suas particulares descobertas a respeito do surgimento do acampamento.

Após essa breve discussão investigativa, cabem ainda algumas considerações finais, que apontam para a finalização desta etapa de pesquisa, em nível de graduação, tendo como referência os processos socioeducativos nos espaços rurais, nos quais se destacam como protagonistas as mulheres camponesas.

## **2. A LUTA E A CONQUISTA DA TERRA ENQUANTO UMA CONSTRUÇÃO FEMININA**

Um grupo, independente da classe social, é impulsionado pelos desejos comuns de seus integrantes a fim de alcançarem seus objetivos coletivos. Nessa perspectiva, a organização dos grupos comunitários e sociais é o alicerce para a organização de suas lutas, ou seja, é através da prática constante de reflexão que se torna possível aos grupos oprimidos construir possibilidades de enfrentamento à dominação, fortalecendo. Nesse sentido a reflexão em torno das ações individuais e

coletivas dos sujeitos do grupo são caminho para o reconhecimento da construção de suas próprias histórias e geram sentidos para a sua existência em viver em comunidade.

Partindo desse pressuposto, a partir da conscientização de si e do mundo, os sujeitos passam a se rebelarem contra o sistema que os oprime e reivindicam políticas públicas (saúde, educação e infraestrutura, por exemplo), contra as imposições feitas por uma classe dominante que administra seus interesses a fim de favorecer seus privilégios políticos (status social) e econômico (poder). Dessa forma, a educação individual e coletiva, representada pelo poder da reflexão das ações dos sujeitos, em situarem seus pensamentos em contra que e contra quem se dirigirem em busca de avanços na melhoria de seu modo de vida, vão se apropriando de um posicionamento do “se impor” (não aceitar qualquer tipo de decisão, principalmente as que desfavorecem a classe mais humilde na sociedade brasileira) lutando assim pelos direitos em um processo educativo que concebe a educação enquanto uma experiência comunitária.

Essa é a realidade que se encontravam as camponesas e camponeses no campo com relação à má distribuição de terras no Brasil, em que muitos tinham pouco e poucos tinham muito, ou seja, a maior parte das terras estavam sob o domínio de uma classe dominante latifundiária. Gradativamente, esses camponeses e camponesas vão tomando consciência que a participação nos movimentos sociais voltados para elas e eles, como o MST, CPT, contribuiriam como uma demonstração de fortalecimento dessa classe que, por muitos anos, luta por justiça social.

A reflexão em torno da prática de luta, das ideias e a conscientização política das camponesas e camponeses, são fatores essenciais na construção de uma vivência comunitária dentro dos movimentos sociais, ou seja, a importância do diálogo e a busca por fontes de conhecimento que agreguem no fortalecimento dos saberes dos trabalhadores e trabalhadoras do campo no fazer em comunidade. As atividades que são realizadas dentro dos movimentos sociais (Reuniões, Passeatas, Momentos de Formação, Assembleias, Oficinas, representatividade do grupo, entre outros) por determinados líderes ou até mesmo pessoas que ocupam outras funções dentro daquele espaço (cozinheira, motorista, lavrador) são experiências que foram

adquiridas com o tempo. Isso significa que para os sujeitos ocuparem determinadas funções dentro dos seus espaços foi necessária a construção de saberes, sejam eles orientados diretamente por outra pessoa que ocupou a função anteriormente ou o conhecimento tornou-se possível através da curiosidade e do acompanhamento das atividades diárias.

Carlos Rodrigues Brandão, em sua obra “Lutar com a palavra”, datada de 1982, ao entrevistar seu “Ciço”, trabalhador rural nas mediações entre Andradas e Caldas, Minas Gerais, lhe questionou sobre educação e eis a resposta de seu “Ciço”:

*In da ontem o senhor me perguntava da Folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: "Ciço, como é que um menino aprende o cantoria? As respostas?" (dos versos cantados pelo mestre). Pois o senhor mesmo viu o costume. Eu precisei lhe ensinar? Meninos tão ali. Vai vendo um, outro, acompanha o pai, um tio. Olha, aprende. Tem inclinação prum cantaria? Prum instrumento? Canta. Tá aprendendo. Pega, toca, tá aprendendo. Toca uma caixa (tambor da Folia de Santos Reis), tá aprendendo caixa. Faz um tipe (tipo de voz dos cantores da Folia), tá aprendendo cantar. Vai assim, no ato, no seguir do acontecido. Agora, nisso tudo tem uma educação, não tem? Pode não ter um estudo. Um tipo dum estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola; não tem um professor, assim, na frente, com o nome "professor". Não tem "" Você vai juntando, vai juntando e no fim dá o saber do roceiro, que é um tudo que a gente precisa pra viver a vida conforme Deus é servido. (BRANDÃO, 1982, p. 166)*

Tudo o que envolve vivências sociais e comunitárias está impregnada de uma concepção de educação pois o desconhecido, através do experimentar, torna-se conhecimento. Trazendo essa discussão para dentro dos movimentos sociais das camponesas e camponeses, a dimensão dos saberes que circulam acontece naturalmente através das vivências comunitárias ou até mesmo dentro dos lares das famílias no campo, isso significa que é notório, dentro de uma hierarquia de saberes camponeses, diferenciar quem são as pessoas que dominam mais as técnicas, por exemplo, do trabalho na roça, as que possuem facilidade em falar em público nas reuniões, as que sabem lidar no preparo de diferentes alimentos da roça. Também é importante destacar que a prática faz com que os sujeitos aprendam e ensinem, direta

e indiretamente, as pessoas do convívio diário, é natural a partilha dos saberes dentro de um grupo.

No contexto da experiência camponesa, os filhos e filhas aprendem com os pais sobre o cultivo das lavouras e manejo com as ferramentas de trabalho (enxada, facão, foice), as filhas aprendem com as mães que é papel da mulher fazer o almoço para seu pai quando chegar da roça. Homens e mulheres ou até mesmo crianças participam das reuniões comunitárias e aprendem com seus líderes sobre a importância de ter uma voz ativa dentro na comunidade.

A luta para a desapropriação da então sonhada terra seria o início em propiciar dignidade de vida para algumas famílias que viviam em condições precárias e enxergavam naquela conquista uma maneira de melhorar suas condições de vida através do espaço para construir uma moradia digna e o sustento por meio da agricultura familiar, sendo dessa forma distribuindo as terras que estavam sob domínio de um único latifundiário que se apropria privadamente das terras e as mantém improdutiva apenas para servir de reserva patrimonial para si, mas também por questões de dívidas, principalmente, essas terras improdutivas são desapropriadas e divididas com quem realmente quer trabalhar e colher para o sustento familiar, ou seja, os camponeses. Essa busca constante por justiça social através da distribuição justa das terras para os trabalhadores rurais é característica principal do MST considerado um dos movimentos sociais do campo mais organizado neste final de século.

Os movimentos sociais, como prática social regidos pelos sujeitos sociais, são ações coletivas mantidas por grupos organizados na sociedade que visam lutar por alguma causa social e são frutos das indignações das minorias que são excluídas pelo sistema de privilégios por parte de governos que não tratam a inclusão como referência para uma sociedade mais justa. Como os movimentos sociais defendem diferentes pautas, é impossível estabelecer um método único de funcionamento, visto que as demandas vão de acordo com as localidades e seu tempo histórico, no entanto, algumas características são predominantemente comuns no funcionamento deles:

- A maioria dos movimentos sociais surgem de movimentos e rebeliões de massa;
- Podem ser formados por diferentes grupos que lutam pela mesma causa;

- São capazes de unirem as pessoas em torno de uma causa comum;
- Visam que seus direitos de cidadãos sejam garantidos no direito comum.

Os movimentos sociais, na maioria de suas ações, são capazes de obter conquistas históricas por meio de muita luta dos seus protagonistas. No âmbito educacional as aprendizagens e os saberes gerados dentro dos movimentos sociais, através das experiências particulares de cada movimento, fazem parte de um processo educativo em meio a mais possibilidades que a educação tem em estar presente a não ser o espaço escolar. Para Gohn, “a educação não se resume à educação escolar, realizada na escola propriamente dita. Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não formal” (2011, p. 333).

Os movimentos sociais fazem parte também dos chamados espaços educativos não-escolares, pois atuam fora do ambiente escolar sobre os aspectos subjetivos do grupo com o objetivo de gerar aos seus sujeitos participantes oportunidades de conhecimento (saberes e aprendizagem) por meio das experiências de luta. Dessa forma, a educação possibilita que seus sujeitos percebam a importância em adquirir e aprofundar seus conhecimentos sobre seus direitos e avancem no processo de luta dentro do espaço de cada movimento social.

Alguns movimentos sociais que emergiram através das insatisfações pela falta de políticas públicas direcionadas a eles por negligência do poder público, têm o processo de luta baseado em seus primeiros passos, nas ações, nas contribuições, nos desafios e nas conquistas desses movimentos. Para isso, alguns dos principais movimentos sociais presentes na nossa sociedade brasileira que influenciaram na luta pela conquista da terra no assentamento Dona Antônia serão apresentados a partir dessas lacunas.

Influenciadas pela luta das mulheres na Inglaterra nas últimas décadas do século XIX (que promoveram grandes manifestações, estas foram presas e fizeram greves de fome e, em 1918, conquistaram o direito ao voto), as mulheres brasileiras também iniciarem o processo de luta para conquistar seus direitos na sociedade. Uma das mais influentes mulheres do **movimento feminista** no Brasil foi Bertha Lutz, bióloga e cientista de importância, que voltou para o Brasil na década de 1910 após

ter estudado no exterior. Uma de suas primeiras ações foi iniciar uma campanha pública de direito ao voto como já acontecia nos Estados Unidos e na Inglaterra, por isso levou em 1927 um abaixo-assinado que pedia a aprovação do Projeto de Lei que dava direito de voto às mulheres, cuja autoria foi do Senador Juvenal Lamartine e, em 1932, esse direito foi conquistado quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral Brasileiro. Para Pinto:

*Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas - violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Este encontro foi muito importante para os dois lados: o movimento feminista brasileiro, apesar de ter origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, o que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os lados (PINTO, 2010, p.17).*

O feminismo defende a condição de igualdade entre homens e mulheres na sociedade e o direito de decidirem sobre suas vidas, seja na participação individual quanto na esfera política e coletiva e tem como finalidade propor direitos iguais entre as mulheres através do empoderamento feminino, dando-lhes liberdade de escolha em qualquer área de atuação sem a existência de padrões patriarcais ou mesmo impostos pela sociedade. Como conquistas obtidas pelo movimento feminino<sup>8</sup> é

---

importante destacar o direito ao voto, ao estudo, inserção no mercado de trabalho, divórcio, Lei Maria da Penha (combate à violência), etc.

Outro movimento que contribuiu na luta pela conquista da terra foi o **movimento negro** que surgiu na época da escravização no Brasil quando os negros,

---

<sup>8</sup> A manifestação do movimento feminista se deu através da luta pelo direito do voto das mulheres, o qual foi expresso a partir das eleições de 1932, em Mossoró, no Rio Grande do Norte. Nesse período, chamado de primeira onda do feminismo, as mulheres também estavam nas lutas operárias. Nos primeiros anos da década de 60, lança-se a pílula anticoncepcional, num contexto em que o movimento feminista no mundo vai se configurando como uma luta não só por espaço político e social, mas como uma luta por uma nova forma de relacionamento entre homem e mulher. Em seguida, vive-se um

explorados por sua força física e subestimados pela sua capacidade intelectual em condições precárias de vida, fugiam das fazendas dos senhores feudais e buscavam abrigo nos quilombos<sup>9</sup> que estavam se formando no Brasil. Mesmo após um ano da abolição da escravatura (1888) ter acontecido a Proclamação da República (1889), a população negra não teve acesso a melhores condições de vida nesse novo sistema político adotado pelo Brasil, ou seja, os negros foram marginalizados de todas as formas de participação social na sociedade brasileira da época. Mas a população negra ficou inquieta com as limitações impostas pela República e mobilizaram movimentos negros em diferentes estados brasileiros. Domingues (2007, p.103), menciona alguns desses movimentos negros:

*Para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação. Em São Paulo, apareceram o Club 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), o Centro Literário dos Homens de Cor (1903), a Sociedade Propugnadora 13 de Maio (1906), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos(1917) [...]*

---

momento de repressão com a ditadura militar, porém, na década de 1970, o movimento ganha expressividade através dos debates públicos sobre o papel da mulher na sociedade. Em 1984, cria-se o Conselho Nacional da Condição da Mulher, que promove uma campanha vitoriosa para a inclusão dos direitos da mulher na Carta Constitucional. Na década de 1990, a principal luta do movimento feminista foi contra a violência doméstica, que encontrou forte apoio, em 2006, com a criação da Lei Maria da Penha. As eleições diretas em 1982 mobilizaram as feministas em defesa da cidadania e da implementação de políticas públicas para as mulheres. A partir de 1983, foram criados os Conselhos Estaduais da Condição Feminina, e em 1985 foi instituído o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM).

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. AS TRAJETÓRIAS E LUTAS DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL E O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES. IV Seminário CETROS: Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, Fortaleza – CE – UECE – Itaperi, p. 113 - 121, 31 maio 2013. Disponível em: [http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos\\_completos/69-17225-08072013161937.pdf](http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013161937.pdf). Acesso em: 15 ago. 2022.

Paralelo a esses movimentos, surgia a imprensa negra que eram jornais publicados por negros com o intuito de tratar sobre suas próprias questões, além de

---

<sup>9</sup> Quilombos eram comunidades formadas por escravos fugidos das fazendas. Esses lugares se transformaram em centros de resistências dos escravos negros que escapavam do trabalho forçado nas fazendas comandadas pelos senhores feudais no Brasil.

dar mais visibilidade aos negros na sociedade. Um dos desafios que o movimento negro enfrentou foi sempre ter que provar para a sociedade que uma pessoa negra tem as mesmas capacidades intelectuais que uma pessoa branca, em ter que ocupar os mesmos espaços, sejam relacionados às relações pessoais, trabalho ou escola, um movimento que é contra a segregação racial, ou seja, contra a separação de brancos e negros, e luta pelo direito dos negros ocuparem qualquer posição e cargo social que uma pessoa branca possa estar, sem distinção de sua cor ou origem.

A libertação dos negros da escravidão foi a principal conquista para que outras conquistas pudessem acontecer. A igualdade de direitos e a inclusão de todas as políticas públicas (saúde, educação, infraestrutura, saneamento) entre negros e brancos, a criação do Dia da Consciência Negra (20 de novembro) no calendário escolar como valorização da história da cultura afro-brasileira, as cotas para ingresso no ensino superior e as penalidades em combate à discriminação racial, são conquistas relevantes no processo de luta do movimento negro durante muitos anos. Mesmo se firmando essas políticas voltadas para essa população, os negros ainda enfrentam realidades que estão relacionadas e afetam diretamente à estrutura social como: a prevalência de assassinatos de jovens negros em que a cada 3 assassinatos no Brasil, 2 são de jovens negros, com idades entre 15 e 24 anos; os negros permanecem direcionados a ocuparem serviços de base, com salários menores.

**O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra** ou MST, principal movimento de influência aos agricultores, nasceu da articulação das lutas pela terra ainda no período da ditadura militar no Brasil, especialmente na região Centro-Sul do país no final dos anos 1970 e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. Os primeiros passos desse movimento foram as mobilizações em massa dos agricultores em espaços públicos a fim de demonstrarem a força da classe trabalhadora camponesa, para chamar a atenção e o apoio das outras comunidades, entidades, sindicatos e outros setores da sociedade civil.

As ações desenvolvidas são as de articulação de diferentes setores da sociedade a fim de fortalecerem o movimento, dentre essas entidades está a Igreja Católica que apoiava com donativos para a permanência dos agricultores nas terras ocupadas. Um dos grandes desafios que este movimento enfrentou foi, no início, lutar

contra o sistema político presente no final dos anos 70, a ditadura militar, que implantou um modelo agrário mais concentrador e excludente, um modelo que favorecia a elite brasileira (latifundiários) oferecendo a instalação de uma modernização agrícola seletiva e, conseqüentemente, excluía a pequena agricultura, a agricultura familiar.

As contribuições desse movimento para a sociedade e, especialmente para a classe camponesa, é a produção dos alimentos para o povo brasileiro através das cooperativas, associações e agroindústrias presentes nos assentamentos, potencializando as condições de produção e a melhoria na renda e as condições do trabalho no campo das famílias assentadas. O movimento recebe apoio de organizações não governamentais (CPT) e religiosas (Igreja Católica) interessadas em estimular a reforma agrária que consiste na distribuição de terras para trabalhadores que necessitam trabalhar na terra e sustentar suas famílias através da agricultura familiar, desapropriando-as de integrantes da elite brasileira que as mantêm sob domínio na condição de improdutivas e para acúmulo de riquezas.

A conquista da terra em sua dimensão coletiva e, posteriormente, individual dos agricultores é a principal e mais importante conquista dos movimentos rurais semterra, pois é a partir desse novo espaço que os camponeses terão a oportunidade de lutar para que o poder público tenha um olhar mais inclusivo no que se diz respeito ao direito de promover políticas públicas voltadas para o campo.

Nesse sentido de conquista das políticas públicas para dentro dos movimentos sociais do campo, é importante destacar a educação escolar. Entretanto, neste aspecto há uma grande preocupação pedagógica voltada para as instituições ligadas ao governo, pois elas estão mais preocupadas com seus interesses capitalistas e não se atentam que a educação volte a preocupar-se com os valores ou a formação ética das presentes e futuras gerações. Nesse contexto, Caldart discorre que identificou essas preocupações pedagógicas como uma das fontes de constituição deste olhar sobre o MST:

*Uma tradição pedagógica que vem procurando identificar os sujeitos educativos não apenas ou não tanto nas relações pedagógicas estritamente consideradas (na relação de educador e educando, ou nos lugares intencionalmente definidos como devendo ser*

*educativos), mas muito mais na própria dinâmica social em que as pessoas estão inseridas, como sujeitos de práticas sociais que conformam e se conformam a um determinado jeito de ser da sociedade onde acontecem, e que então devem ser levadas em conta no conjunto das reflexões e práticas pedagógicas, incluindo as escolares. (CALDART, 2000, p.201)*

Os fundamentos filosóficos da proposta educativa vivenciada no Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra, atua para além do chão da escola. Propõe também uma nova concepção teórico-metodológica do fazer escola perpassando os sentidos de compreensão humana, política, participativa e democrática, na qual camponesas e camponeses são capazes de captar as informações e aprendizagens através do engajamento nas atividades do movimento, como também na dinâmica dos espaços escolares.

A luta das mulheres camponesas na Paraíba é marcada pela re-existência delas em lutar pelo seu espaço e defendê-lo, mostrando para a sociedade a sua importância na organização dos espaços e defesa do direito de liberdade e expressão. Para Silva (2015, p.50):

Por intermédio da resistência, as camponesas se deram conta da sua importância social, ou seja, arrancaram as vendas dos olhos, soltaram as correntes da opressão que lhes serviram por longos anos e negaram o discurso dominante, sempre tido como verdade absoluta instituída pela cultura coronelista e patriarcalista. Quando esses sujeitos, as camponesas, começam a mudar o discurso, passam também a vivenciar outras linguagens, ancoradas nos princípios da libertação.

A compreensão sobre a luta das mulheres camponesas em busca da sua liberdade faz-nos refletir sobre a construção de uma identidade fortalecida pelo conjunto das ações realizadas dentro dos seus espaços de atuação, seja nos acampamentos, nas comunidades ou até mesmo dentro dos seus lares. Consequência do fortalecimento dessas mulheres são os benefícios que elas são capazes de conseguir para melhoria dos seus espaços de atuação, através das políticas públicas como uma educação de qualidade, saúde, justiça social e outros deveres do poder público com a sociedade camponesa. Essas iniciativas, por parte dessas mulheres, não agradaram a classe dominante, especialmente os políticos, que sentem o seu poder ameaçado pela forma como aquela classe pobre, na

representação dos camponeses, adquire conhecimentos sobre seus direitos e deveres.

Na Paraíba, algumas mulheres se destacaram pelo papel de protagonistas luta pelos direitos de camponesas e camponeses à terra, colocando em risco suas próprias vidas. **Elizabeth Teixeira**, líder das Ligas Camponesas, que assumiu esse papel após o assassinato do seu esposo, João Pedro Teixeira, era uma mulher que pertencia a uma família de classe alta e seu esposo vinha de uma família de lavradores, mas essa diferença de classe social não impediu que os dois se casassem, mesmo sem o consentimento do pai de Elizabeth. Junto de João Pedro Teixeira, já envolvido em prol das causas camponesas, foi possível a Elizabeth conhecer o verdadeiro sentido de reivindicar seus direitos por condições dignas para os trabalhadores rurais em meio a tantas injustiças sociais.

Com o assassinato de João Pedro Teixeira, seu esposo, Elizabeth protagonizou uma frase jamais esquecida na luta camponesa na Paraíba *“Você sempre me perguntava se eu continuaria sua luta caso algo acontecesse. Eu ficava calada, sem saber o que dizer. Hoje, eu digo que continuarei sua luta João Pedro, até o fim”*. Elizabeth disse que marcharia a luta dele até o fim, e marchou. Ela visitou vários lugares, encontrou famílias camponesas ameaçadas de expulsão, ouviu as camponesas e camponeses. Em 2006, Elizabeth Teixeira recebeu o Diploma Bertha Lutz, também conhecido como Prêmio Bertha Lutz, instituído pelo Senado Federal para agraciar mulheres que tenham contribuído na defesa dos direitos da mulher e questões de gênero no Brasil. Sobre a Liga Camponesa de Sapé Paloma Lima dos Santos descreve:

A Liga Camponesa de Sapé foi fundada nas dependências do Grupo Escolar Gentil Lins por João Pedro Teixeira em 1958, persistente em “conscientizar” o trabalhador rural sobre sua situação de explorado influenciou inúmeros camponeses que se uniram contra a tirania dos proprietários de terra. Sua atuação foi marcada pela violência produzida pelos latifúndios e pelo medo de perder sua posição de poder e devido à grande projeção nacional das ligas, utilizando da polícia, jagunços e capangas para perseguir e aterrorizar os camponeses.(SANTOS, 2022, p.498)

As famílias camponesas eram sujeitas às perseguições dos latifundiários, pois estes continuavam com o propósito de permanecer com as vastas áreas de terras e, por conta dessa ambição, perseguiram a qualquer custo os camponeses que buscavam a justiça social através da luta pela conquista da terra. João Pedro Teixeira foi um desses camponeses que, inconformado com a realidade sofrida das famílias camponesas paraibanas, resolveu lutar pelo direito à terra, mas foi assassinado.

**Margarida Maria Alves** também foi uma protagonista feminina que ocupou uma posição de liderança na Paraíba no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais em Alagoa Grande-PB, tornando-se a primeira presidente mulher do sindicato no ano de 1973, e a primeira do Estado contribuindo no cargo por 12 anos. Sua luta foi marcada por reivindicar direitos trabalhistas, como a carteira de trabalho assinada, férias, décimo terceiro, entre outros; participou também da construção e fundação do Centro de Educação do Trabalhador Rural (CETRU), e, reafirmando seu interesse com a população feminina, foi uma das organizadoras do Movimento de Mulheres do Brejo (MMB). Essa busca pelos direitos trabalhistas para os camponeses resultou na morte de Margarida Maria Alves, em 1983, gerando grande comoção e revolta nacional e internacional e a busca pela punição dos responsáveis pelo crime.

**Maria da Penha Nascimento Silva**, foi atuante junto com Margarida Maria Alves no movimento sindical de Alagoa Grande-PB, criando em conjunto com outras mulheres o Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo em 1981 com o objetivo de discutir assuntos relacionados na posição “de mulheres para mulheres”. Foi responsável em ampliar os debates acerca do papel feminino na sociedade e motivou outras mulheres a se politizarem e assumirem o lugar de fala, para que não permitissem se colocar enquanto ser inferior ao homem (seja na presença do pai, esposo ou o latifundiário). Penha morreu em um acidente automobilístico, supostamente sabotado por integrantes da elite dominante da época, a fim de silenciá-la pois em sua missão ela mostrava às mulheres camponesas que sua condição de inferioridade nas questões políticas e sociais poderiam ser mudadas e que era necessário acreditar nessa mudança, ou seja, a jornada de Penha em intensificar seus trabalhos voltados às questões dos direitos das mulheres foi

necessária para que outras mulheres sentissem a força delas unidas e seguissem adiante mesmo com a perda da companheira, lutando mais pela participação das mulheres nos diferentes setores da sociedade paraibana.

Na Paraíba, após a morte de Margarida Maria Alves, no ano 1986 surgia o Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB) que tinha como objetivo articular um grupo de mulheres trabalhadoras para lutarem por melhorias de vida através da conscientização política. Duarte e García explicam sobre o papel da formação do MMB no brejo paraibano:

A conscientização política das mulheres foi o primeiro passo dado pelo o MMB para a compreensão da necessidade de emancipação como trabalhadoras na região do Brejo Paraibano. Em Alagoa Grande, o MMB organizava palestras com entidades acadêmicas e representantes políticos como a CUT, FETAG, entre outros. Havia reuniões semanais no STR Alagoa Grande, incentivando a participação das mulheres no meio sindical, tentando inserir-las no ambiente político e as retirando do processo alienatório que as rodeavam no ambiente familiar. (DUARTE; GARCÍA, 2014, p.3786)

A conscientização por parte das representantes do MMB em alertar as demais mulheres a respeito de sua condição de subordinação a qual estavam voltadas a servir e cuidar do lar não era uma regra a ser vivida por toda a vida, mas uma condição social e natural que foi imposta pela história de construção e participação familiar na sociedade brasileira.

Considerando a mulher como um ser indispensável nas relações humanas, ou seja, aquela que agrega contribuição e importância nas relações sociais, políticas e culturais, a participação da mulher na sociedade brasileira já não se restringe ao papel de mãe e dona do lar, elas vêm se destacando em ocupar diferentes cargos públicos, chefiar a família em boa parte dos lares brasileiros, ocupam postos no mercado de trabalho, cargos de liderança nas escolas, institutos federais, faculdades, universidades, cidades, estados e, inclusive, países.

As mulheres são, sem dúvida, atores responsáveis por garantir seus direitos por meio das lutas através dos movimentos organizados feministas, movimentos cujos objetivos são propor a igualdade de direitos entre as mulheres por meio do empoderamento feminino sem que haja a padronização do modelo patriarcal ou

mesmo de um modelo imposto pela sociedade; e a participação social das mulheres a fim de garanti-las o direito de lutar e conquistar seus direitos.

Durante boa parte da história brasileira o país foi governado por oligarquias cuja característica é a ausência no exercício do direito da participação popular, ou seja, a população pobre não tinha o direito em participar nas tomadas das decisões que permeavam o cenário político social, significa que todas as políticas públicas (educação, saúde, infraestrutura, saneamento básico) voltadas para a sociedade brasileira, de modo geral, eram decididas direcionadas pela elite brasileira. As mulheres camponesas, assim como outras inseridas em outros espaços ocupados pela classe pobre, mesmo que tenham obtido o direito de votar e serem votadas em 1932, faziam parte dessa população que necessitava de uma participação ativa na sociedade a fim de garantir direitos, através das políticas públicas já mencionadas anteriormente, que tornassem a vida dessa classe melhor.

Os conflitos e as lutas camponesas têm em sua história as marcas de prisões e mortes de trabalhadores camponeses que almejavam uma vida melhor e digna para si e suas famílias, porém a ambição da classe dominante não permitia com que os camponeses alcançassem tal objetivo. Dessa forma, as notícias das terras improdutivas e que estavam para serem desapropriadas espalharam-se a ponto das camponesas e camponeses tomarem conhecimento e iniciarem o processo de ocupação dessas terras. Essas características fazem parte dos movimentos sociais que, segundo Ponchirolli, “são formados por grupos de indivíduos que defendem, demandam ou lutam por uma causa social e política. É uma forma da população se organizar, expressar os seus desejos e exigir os seus direitos” (2019).

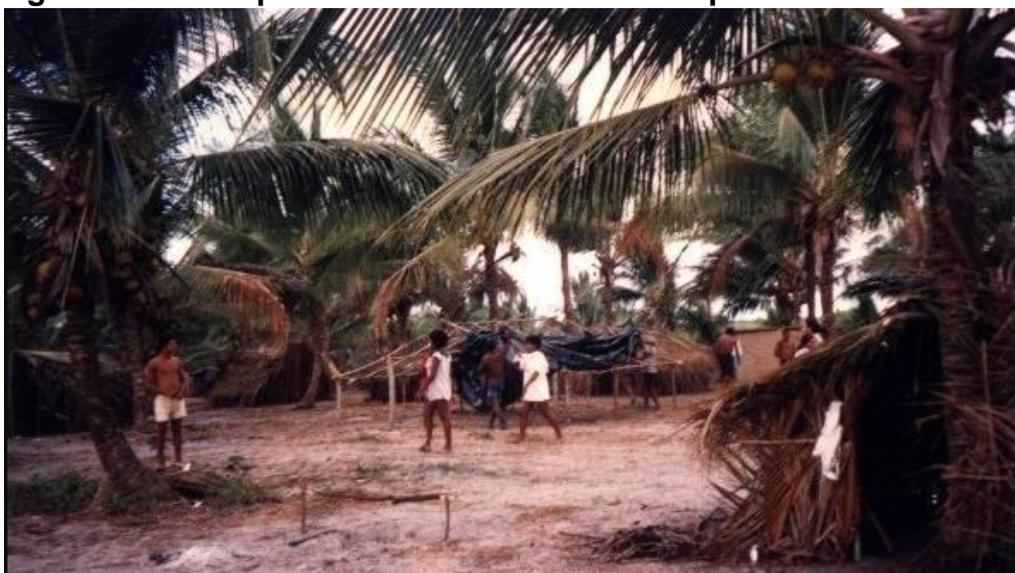
Assim como as lutas pela desapropriação das terras improdutivas aconteciam em diferentes regiões do Brasil, essa experiência de luta e resistência das camponesas e camponeses também chegou no litoral sul da Paraíba, na cidade de Conde-PB, onde, hoje, está localizado o Assentamento Dona Antônia, com a justificativa comum para a ocupação: a improdutividade das terras que estavam sob o domínio de um latifundiário, senhor Almir Correia, e que também estava em dívida com a SUDENE.

### **3. O PAPEL SOCIAL DAS MULHERES CAMPONESAS NO ASSENTAMENTO DONA ANTÔNIA NO MUNICÍPIO DO CONDE/PARAÍBA**

Na região do litoral sul da Paraíba, na zona rural da cidade de Conde, aconteceu, na madrugada de 20 de Novembro de 1995, a ocupação nas terras da Fazenda Baraúnas Tabatinga, pertencente ao ex-proprietário Almir Correia, e teve a concentração dos agricultores na parte onde estavam plantados os coqueiros, local próximo das terras de Gurugí I.

Ao chegarem nas terras, as famílias oriundas de diferentes cidades da Paraíba e outros estados, como Pernambuco, recebiam as primeiras orientações, como procurar um espaço e armar suas barracas com paus e palhas. Os companheiros (como os camponeses se dirigiam uns aos outros) iam chegando gradualmente dia após dia, e recebiam o apoio uns dos outros para armarem seus barracos, especialmente as mulheres que chegavam sozinhas ou acompanhadas de seus filhos pequenos.

**Figura 10 - Acampamento com as barracas de palha.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

A presença das mulheres no acampamento fortaleceu a vivência entre os trabalhadores<sup>10</sup>, de modo que participavam de todos os acontecimentos naquele local e, sendo casadas ou solteiras, contribuíram na resistência dos agricultores contra o latifundiário. As mulheres eram os escudos dos homens quando a polícia chegava, muitas vezes agressiva, e, para evitar que os policiais avançassem em direção aos homens, as mulheres tomavam a iniciativa de colocar as crianças na frente e, em seguida, elas e, por último, os homens. Eram as mulheres quem negociavam com a polícia para que tudo fosse esclarecido e para que ninguém fosse agredido(a) ou preso(a) pela polícia. Maria Nailde, assentada, relata sobre as negociações com os policiais no período do acampamento:

*Quando chegava a ordem de despejo, nós mulheres, principalmente eu que fazia parte da comissão, a gente negociava com os policiais da seguinte forma: eles chegavam, sabe, muito violentos querendo derrubar os barracos com nossos pertences dentro e sair empurrando os homens e as mulheres, querendo tocar fogo em tudo, então a gente ia pra linha de frente junto com as crianças para que eles tivessem misericórdia e não utilizassem nenhum tipo de violência contra nós. Pedíamos que eles tivessem calma que a gente ia sair, que iríamos tirar nossos pertences pra não haver violência, não haver morte porque existe muito histórico da luta pela terra de confrontos e nesses confrontos alguns episódios de morte. Então a gente tirava o que dava pra tirar porque era muito rápido, nossas roupas, poucos pertences, documentos, e assim que a gente desocupava a área onde estavam as barracas do acampamento, eles derrubavam e tocavam fogo. Muitas vezes também, a gente sabia a hora que eles viam, a gente esperava e eles não viam porque eles ficavam tentando pegar a gente de surpresa<sup>11</sup>, e já aconteceu deles chegarem de surpresa.*

Nos momentos que eram necessárias as conversas com os policiais, as mulheres sempre estavam presentes, pois qualquer palavra que os homens camponeses

---

<sup>10</sup> Como a conquista da terra era um objetivo comum entre homens e mulheres camponeses, a presença das mulheres contribuía para essa conquista, pois elas estavam dispostas a realizarem as atividades e funções a elas destinadas que pudessem ajudar o grupo e, conseqüentemente, fortalecê-lo de tal forma que os homens percebessem que as mulheres somavam ao grupo.

<sup>11</sup> Como forma de vigiar o acampamento durante a noite para que os policiais não chegassem de surpresa, os camponeses se divertiam com cantigas de ciranda ou então, as mulheres e os homens juntavam-se para jogar dominó e baralho (sueca). A ciranda até hoje permanece viva na comunidade, ela expressa o sentido de união, pois, na sua prática, os integrantes dançam, em forma de círculo, com as mãos e braços unidos.

proferissem, mesmo que não desacetasse aos policiais, era considerada ofensiva e era motivo de violência dos policiais para os camponeses, ao ponto de prendê-los, por

isso, para evitar esse tipo de situação, as mulheres assumiram o papel de negociar com os policiais, ou seja, era uma permuta de ações: os policiais não utilizarem da força nem da violência com os camponeses e esses desocuparem o local solicitado pela polícia. Esse episódio que Maria Nailde relata aconteceu no segundo despejo o qual aconteceu a prisão dos sete companheiros já mencionada na introdução deste estudo. Uma curiosidade que se faz importante mencionar sobre esse episódio da prisão e que condiz da importância das mulheres estarem a frente das negociações com os policiais, é que no momento dos depoimentos os policiais, na audiência do fórum na cidade de Alhandra, alegaram que prenderam os camponeses pois esses possuíam gravetos (pequenos pedaços de madeira) e tinham a intenção de atingi-los. Na verdade, esses camponeses foram presos apenas por pertencerem à comunidade de Gurugí apontados pelos capangas do ex-proprietário das terras. Podemos refletir nessa situação que, sem expressarem suas falas, alguns homens foram presos e acusados por algo que não cometeram, imaginemos se eles tivessem tomado a frente das negociações, acusações mais sérias poderiam ter sido forjadas pelos policiais e consequências mais graves, como uma reclusão por um período maior do que foi determinado (8 dias), poderia ter sido a decisão final do juiz .

**Figura 11 - Policiais com ordem para o primeiro despejo.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

**Figura 12 - Policiais com ordem do segundo despejo para os trabalhadores desocuparem as terras.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

É comum nas ocupações das terras improdutivas, por parte dos camponeses e camponesas, uma participação significativa das mulheres na rotina do local. As mulheres no acampamento dos coqueiros estavam dispostas a ajudarem os esposos e os outros companheiros em todos os sentidos, pois todos estavam ali por um único propósito: acompanhar e lutar pelo processo de desapropriação daquelas terras. Para isso, participaram na organização do acampamento através de suas responsabilidades no zelo (limpeza) do espaço e das barracas de palhas, preparo e distribuição da comida para todas as famílias, manter a ordem dos filhos (sem presença de bagunça) e outras demandas, direcionadas pela comissão, que tivessem a necessidade da presença das mulheres. Também foram capazes de buscar apoio entre si, por meio do sentimento de união e coragem, para ir atrás dos seus direitos enquanto seres humanos, pois as famílias precisavam permanecer no acampamento com o mínimo de dignidade, então as mulheres, principalmente as que faziam parte da comissão do acampamento, foram em busca de alimentos, lonas para melhor se alojarem e roupas junto às entidades religiosas (igreja católica) e CPT para melhoria das condições dentro do acampamento.

**Figura 13 - Donativos da Igreja Católica para os acampados.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

As camponesas e camponeses do assentamento tiveram o apoio de uma comunidade vizinha, Comunidade Quilombola de Gurugí, a qual acabara de conquistar a terra e muitos companheiros, especialmente as mulheres, faziam-se presentes para fortalecerem o acampamento que estava se formando, inclusive muitas famílias que hoje estão presentes no assentamento Dona Antônia têm suas raízes do quilombo de Gurugí.

Assim como no Assentamento Dona Antônia, em outras regiões no Brasil e na Paraíba aconteciam conflitos<sup>12</sup> gerados pela desapropriação da terra, da luta das

---

<sup>12</sup> No município de São Luiz do Quitunde-AL, 382 famílias ocuparam a Fazenda São Frutuoso em 28/11/1995; No município de Prado-BA, 800 famílias ocuparam a Fazenda Rosa do Prado em 23/10/1995; No município de Chorozinho-CE, 100 famílias ocuparam a Fazenda Câmara/Banco Sudameris em 28/11/1995; Em Brasília-DF, 40 famílias ocuparam a Fazenda Poço Claro em 12/08/1995; Em Conceição da Barra-ES, 320 famílias ocuparam a Fazenda Água Preta em 23/10/1995; Em Formosa-GO, 80 famílias ocuparam a Fazenda Nossa Senhora do Carmo em 06/11/1995; Em Imperatriz-MA, 230 famílias ocuparam a Fazenda Nutrinorte em 02/10/1995; Em Buritis-MG, 500 famílias ocuparam a Fazenda Barriguda em 01/09/1995; Na cidade de Itaquiraí-MS, 420 famílias ocuparam a Fazenda Sul Bonito em 22/10/1995; Na cidade de Pedra Preta-MT, 1100 famílias ocuparam a fazenda Aliança em 14/08/1995; Em Paraupabas/Marabá-PA, 800 famílias ocuparam a Fazenda Rio Branco em 15/05/1995; Em Cruz do Espírito Santo-PB, 62 famílias ocuparam a Fazenda Engenho Novo em 24/04/1995; Em Jaboatão dos

---

camponesas, dos camponeses com os latifundiários fazendo rojar o sangue de companheiros mortos pela perseguição desta parte da elite brasileira composta pelos donos dos latifúndios<sup>13</sup>.

Atualmente, as mulheres do Assentamento Dona Antônia, contribuem social e politicamente dentro da comunidade. Social porque se fazem presentes dentro de seus lares, muitas vezes ocupando o status de chefe deles, como também trabalhando dentro de seus roçados com a família; e político porque também são responsáveis na tomada das decisões nas reuniões que acontecem semanalmente na comunidade pois opinam e, quando é necessária alguma votação, o seu voto é igualmente medido aos dos homens.

Essa atuação das mulheres em participarem das reuniões e estarem diretamente envolvidas nas decisões da comunidade, está relacionada com a participação ativa desde o período do acampamento. Porém a história dessas mulheres do assentamento é contada de forma generalizada e, certamente, elas tiveram papel fundamental no processo de conquista da terra e, por tais motivos, tive a curiosidade em aprofundar meus conhecimentos sobre o protagonismo dessas mulheres camponesas do Assentamento Dona Antônia e manter vivo um processo de educação comunitária. Dessa forma, este estudo, apresentando as atuações das

---

Guararapes-PE, 70 famílias ocuparam a Usina Jaboatão em 23/10/1995; Em Campo Maior-PI, 180 famílias ocuparam a Fazenda Pedra Negra em 05/06/1995; No município de Querência do Norte-PR, 50 famílias ocuparam a Fazenda Monte Azul em 03/04/1995; Em Rio das Ostras-RJ, 140 famílias ocuparam a Fazenda Cantagalo em 14/10/1995; Em João Câmara-RN, 400 famílias ocuparam a Fazenda Modelo em 14/02/1995; Em Corumbiara-RO, 500 famílias ocuparam a Fazenda Santa Elina em 15/07/1995; Em Cruz Alta-RS, 802 famílias ocuparam a Fazenda Boqueirão em 06/09/1995; Em Passos Maia-SC, 820 famílias ocuparam a Fazenda Ameixeira em 20/11/1995, Em Capela-SE, 800 famílias ocuparam a Usina Santa Clara em 28/11/1995; Em Sandovalina-SP, 2500 famílias ocuparam a Fazenda São Domingos em 07/10/1995. Disponível em: <<https://cptnacional.org.br/downloads/summary/41-conflitos-no-campo-brasil-publicacao/255-conflitosno-campo-brasil-1995>>, acesso em 25 ago.2022.

<sup>13</sup> Ver OLIVEIRA, Arioaldo U. Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária. São Paulo: FFLCH; Labur Edições, 2007.; TEIXEIRA, Gerson (2011-b). “Agravamento do Quadro de Concentração da terra no Brasil?”, Boletim DATALUTA – Artigo do mês: julho de 2011. ISSN 2177-4463, disponível em [http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/7artigodomes\\_2011.pdf](http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/7artigodomes_2011.pdf); e “A concentração de terras no Brasil, (13 de julho de 2011), disponíveis em <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45272-aconcentracao-de-terras-no-brasil-entrevistaespecial-com-gerson-luiz-mendes-teixeira>.; RIGON, A.J., GONZAGA, J.G.F., and DALBIANCO, V.P. Estado, questão agrária e o desafio da luta pela terra. In: TEDESCO, J.C., SEMINOTTI, J.J., and ROCHA, H.J., ed. Movimentos e lutas sociais pela terra no sul do Brasil: questões contemporâneas [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 146-174. ISBN: 97885-64905-76-4. <https://doi.org/10.7476/9788564905764.0006>.

mulheres camponesas na luta, torna-se importante para romper com a reprodução da história do assentamento que não envolva ou mencione a significativa participação das mulheres na conquista pela terra.

O papel social das mulheres durante a luta pela conquista da terra no assentamento Dona Antônia corresponde, além da sua participação nessa luta, aos limites, os desafios que encontraram enquanto mulheres dentro do processo de luta, como elas lidavam com as situações de drama e conflito enquanto mães, esposas e trabalhadoras, podendo ser elencados em alguns aspectos:

- Nem todas as mulheres, por exemplo, tinham coragem de expressar suas opiniões nas reuniões por ainda entenderem que seu papel naquele espaço era apenas colaborativo (escutar e seguir as orientações da comissão);
- Algumas mulheres eram limitadas aos afazeres domésticos e não se engajaram ativamente na rotina do acampamento, seja por personalidade pessoal ou restrição do esposo;
- Enquanto mães priorizavam a alimentação e educação dos filhos;
- As mães solteiras, quando não tinham mutirões para ajudá-las, tiveram que enfrentar o drama de limpar, plantar e colher os frutos da terra sozinhas;
- O medo da violência dos policiais com o esposo e filhos;
- Por não terem uma instrução melhor nos estudos, a maioria das mães não pôde colaborar na educação formal (escola) dos filhos quando surgiu a oportunidade da implementação da escola no acampamento.

Maria Nailde, em entrevista, descreve sobre esse papel que a mulher desempenhou durante a luta em lidar com tais situações:

*O nosso maior drama, nosso conflito era o nosso medo porque a gente tinha filho pequeno e já se tinha relato de outras lutas de terra que havia morte nos confrontos, porque quando a polícia vinha com a ação de despejo sempre tinha o confronto da polícia com os agricultores e a gente tinha muito medo desses confrontos porque a gente estava ali,*

*arriscando nossas vidas como também dos filhos e estávamos vulneráveis alí correndo todos os riscos possíveis. (Maria Nailde)*

As camponesas e camponeses estavam diante de terras que eram vizinhas da comunidade de Gurugí I na qual foi marcada pela violência aos camponeses durante o período de luta, por isso o significado do medo relatado por Maria Nailde. A luta de Gurugi (1990) é um exemplo de resistência entre as camponesas e camponeses contra os latifundiários daquela região, na qual resultou no assassinato de dois agricultores: *Zé da Lela*, que estava sentado na frente de sua casa junto com sua esposa e levou um tiro; e *Severina (Bila)* que foi junto com uma multidão da comunidade de Gurugi protestar pela impunidade da morte de Zé de Lela em um fórum na cidade de Alhandra-PB, e lá foi morta por um homem, conhecido como *Biu Mariano*, o qual passou o carro em cima de sua barriga.

As camponesas e camponeses do acampamento tiveram um importante apoio da Comunidade Quilombola de Gurugí<sup>14</sup>, a qual conquistaram a terra e muitos companheiros, especialmente as mulheres, se faziam presentes para fortalecerem o acampamento que estava se formando, inclusive muitas famílias que hoje estão presentes no assentamento Dona Antônia têm suas raízes do quilombo de Gurugí.

---

<sup>14</sup> Os camponeses e camponesas da comunidade de Gurugí apoiaram os companheiros que ocuparam a Fazenda Baraúnas Tabatinga levando suas experiências de luta e resistência para que, através dessas, os camponeses conquistassem a desapropriação das terras do senhor Almir Correia. Um exemplo significativo dessa experiência, que foi uma estratégia dos camponeses em Gurugi, era quando a polícia ou capangas do proprietário das terras chegavam as mulheres tomavam a frente com as crianças para que não houvesse qualquer tipo de violência contra os homens. Além das experiências, também era importante a quantidade de mais camponeses que, conseqüentemente, agregava em dar mais volume ao grupo e o apoio motivacional que consistia em encorajar os companheiros a não desistirem da luta, pois as condições das terras improdutivas e a dívida do expropriário à SUDENE eram favoráveis para os camponeses.

#### 4. O PROCESSO EDUCATIVO ENQUANTO CONTRIBUIÇÃO PARA O PROTAGONISMO DAS MULHERES CAMPONESAS.

As mulheres camponesas, quando ingressam no acampamento no processo de luta da terra no “Assentamento Dona Antônia”, deixam suas cidades de origem e trazem consigo, não apenas suas famílias, mas também, um sentimento de esperança em conseguir ao menos um pedaço do chão e viver em condições melhores que as anteriores. Assumem, primordialmente, papel fundamental no campo como àquelas que fariam as atividades do lar: lavar, cozinhar e cuidar das crianças. Em entrevista, Tereza, mais conhecida como “Dona Teca”, relata sobre o desejo de conseguir um pedaço de chão para produzir suas lavouras:

*Comadre Maria de Garapu<sup>15</sup> vivia nessas lutas por ai, quando foi um dia me encontrei com ela e foi tempo que Capim Açú<sup>16</sup> foi desapropriada, cada um ficou com seu pedaço de terra e eu com 2 hectares e eu vivia na agricultura. Eu pensava “ai meu deus aqui não vai dar para eu sobreviver na agricultura somente com 2 hct de terra, tinha que plantar, tinha os filhos pra dar de comer, então eu precisava de mais um pouco de terra pra dar conta da minha família. Daí encontrei comadre Maria de Garapu e disse “comadre, a senhora que vive nessas lutas, nas reuniões, oh mulher quando tiver uma terra que o pessoal quiser ocupar me avise que eu quero ir”, ela disse “tu vais nada” e disse “vou”.*

Naturalmente, o saber acontece em meio aos grupos humanos por meio de interações sociais e para as mulheres do Assentamento Dona Antônia não foi diferente: elas assumem uma postura de buscarem conhecimentos a partir de algumas atividades voltadas para o homem, como, por exemplo, articular e coordenar o grupo o qual estão inseridas, ou seja, direcionaram o grupo para a realização de diversas atividades dentro do acampamento como, por exemplo, na organização dos mutirões sejam os compostos pelos homens ou pelas mulheres. Brandão (1997), em

---

<sup>15</sup> Maria de Garapu, também acampada e assentada atualmente, era conhecida de dona Teca e foi quem deu a notícia sobre as terras para a mesma.

<sup>16</sup> Capim Açú também é uma comunidade rural do município de Conde que foi ocupada por trabalhadores e foi desapropriada depois de 11 anos de luta e resistência dos camponeses.

sua concepção sobre a educação popular como saber na construção em comunidade, ressalta:

Então as pessoas aprendem. Como ensinar-e-aprender torna-se inevitável para que os grupos humanos sobrevivam agora e através do tempo, é necessário que se criem situações onde o trabalho e a convivência sejam também momentos de circulação do saber.

A mulher, nesse contexto, caminha com o seu companheiro em busca de colaborar mais ativamente nas atividades diárias, aprimorando seus conhecimentos nas diversas técnicas agrícolas, como a exemplo do plantio, de limpar o mato e da colheita. Dona Teca, 68 anos, descreve um pouco sobre a experiência das mulheres no trabalho árduo da roça:

*A gente gostava muito de trabalhar em mutirão, a gente juntava as mulheres pra trocar dias nos roçados umas das outra, se ia pegar uma água era nós tudo junto, se ia atrás de uma lenha era tudo junto, a gente se unia muito as mulheres. As mulheres aqui foram muito guerreiras, se olhar direitinho tem mulher que foi mais guerreira que os homens porque a gente enfrentava o que desse e viesse, e tinha homem que não fazia isso, como enfrentar o roçado, de chegar e limpar um mato grande cheio de carrapicho<sup>17</sup>.*

O trabalho em mutirão no acampamento era realizado pelas mulheres entre si e pelos homens. O mutirão tem na sua essência um esforço feito em conjunto, coletivo e solidário, visando alcançar um objetivo comum, e esse objetivo estava no plantio coletivo para que fosse colhido e distribuído ou consumido por todos no acampamento. Primeiro as plantações no acampamento foram realizadas de forma comunitária, ou seja, tudo que era plantado era dividido e consumido por todos, e depois tiveram o direito, ainda no acampamento, de realizar as plantações individuais por família.

As mulheres no acampamento, bem como cita dona Teca, eram guerreiras porque apoiaram em tudo o que fosse necessário para contribuírem com o progresso da luta e estavam dispostas a trabalharem desde os trabalhos leves, como cozinhar, aos mais duros, como enfrentar uma longa jornada na limpa de matos a fim de preparar a terra para o plantio.

---

<sup>17</sup> Carrapicho é uma espécie de mato que contém vários espinhos.

---

Durante o período de permanência no acampamento, os agricultores realizavam reuniões periódicas visando fortalecer o grupo e, conseqüentemente, não permitir que “companheiros<sup>21</sup>”, como eram denominados uns pelos outros, desistissem da luta. Dentre as primeiras reuniões no acampamento, foi formada uma comissão. Maria Nailde, hoje assentada, relata sobre o processo de formação dessa comissão:

*Hoje no assentamento nós temos uma diretoria que é a cabeça pensante aqui, mas na época de acampamento era chamado de comissão de pessoas que direcionavam tudo o que acontecia no acampamento. Foi todo mundo junto para uma reunião e foi dito por membros da CPT<sup>18</sup> que a gente tinha que formar uma comissão, porque não podia ficar assim solto, porque em todo lugar tem que ter uma pessoa para coordenar, e disseram que tínhamos que formar a comissão pra direcionar tudo que era feito no acampamento.*

A CPT (Comissão Pastoral da Terra), desde a sua fundação em Junho de 1975, tem a preocupação de acompanhar os trabalhadores rurais, peões, bóias-frias que vivem em condições precárias de vida, que não são assistidos pelas autoridades governamentais, seja na esfera federal, estadual ou municipal, com o mínimo de políticas públicas (saúde, alimentação, educação, saneamento básico) e também tem

---

<sup>21</sup> Desde o início da luta que os camponeses tinham sentimento de união e essa união era fortalecida através das reuniões nas quais a comissão do acampamento e os membros da CPT colocavam como tema central em todas as reuniões a união dos companheiros para que não houvesse desistência porque ocuparam a terra com o objetivo de conquistá-la e só era possível por meio da união de todos. As palavras de encorajamento, de força e resistência foram fundamentais para manter o objetivo de conquistar a terra vivo. Essas reuniões refletiam no acampamento por meio das organizações mais frequentes dos mutirões. Apesar das constantes reuniões dessa natureza no acampamento, muitos

---

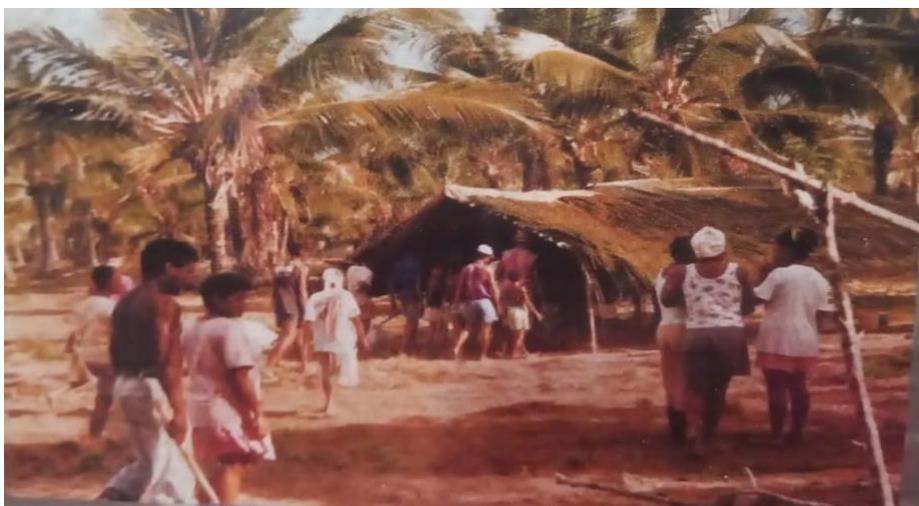
<sup>18</sup> A Comissão Pastoral da Terra (CPT) nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia (GO). Foi fundada em plena ditadura militar, como resposta à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, sobretudo na Amazônia, explorados em seu trabalho, submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam. Nasceu ligada à Igreja Católica. O vínculo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ajudou a CPT a realizar o seu trabalho e a se manter no período em que a repressão atingia agentes de pastoral e lideranças populares. Logo, porém, adquiriu caráter ecumênico, tanto no sentido dos trabalhadores que eram apoiados, quanto na incorporação de agentes de outras igrejas cristãs, destacadamente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. A CPT foi criada para ser um serviço à causa dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e de ser um suporte para a sua organização. O homem e a mulher do campo são os que definem os rumos a seguir, seus objetivos e metas. Eles e elas são os protagonistas de sua própria história. A CPT os acompanha, não cegamente, mas com espírito crítico.

Fonte: CEDOC Dom Tomás Balduino – CPT. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/sobrenos/historico>>. Acesso em 25 ago. 2022.

camponeses desistiram, pois não acreditaram que seria possível conquistar a terra. No início eram 250 famílias, mas no final ficaram apenas 110 famílias.

o cuidado em assegurar que esses trabalhadores tenham acesso a tais políticas públicas através das reivindicações aos órgãos competentes. Pelo trabalho desenvolvido a CPT pode ser considerada uma entidade de defesa dos Direitos Humanos. Direito à posse da terra, direito de nela permanecer e trabalhar, direito de acesso à água, direito ao trabalho e este em condições dignas. Assim como em outras comunidades durante o processo de desapropriação das terras, o trabalho da CPT junto aos camponeses do Assentamento Dona Antônia foi de apoiá-los com os donativos e caminhar junto com os camponeses na resistência contra o latifúndio, encorajando-os a permanecerem firmes na luta e na terra.

**Figura 14 - Primeiro espaço para as reuniões dos acampados na primeira entrada nas terras da Fazenda Baraúnas Tabatinga.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).



**Figura 15:  
Acampados  
reunidos junto  
com membros da  
CPT.**

Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

Nessa fase as camponesas não apenas ajudavam seus companheiros nos serviços laborais e no cuidar das crianças, mas já assumiam outras funções no acampamento. Maria Nailde foi uma das mulheres que participou de outra função importante no acampamento:

*Eu fazia parte dessa comissão porque sempre fui inquieta, eu nunca me conformei das pessoas estarem resolvendo e decidindo as coisas por mim e eu vendo que tinham pessoas que estavam fazendo coisas mal direcionadas e eu podendo ajudar, sempre gostei de falar, de participar de tudo e me escolheram para participar da comissão. Na época só tinha eu de mulher na comissão porque o povo tinha medo e até hoje você vai na reunião e algumas mulheres têm medo de falar, as mulheres tinham medo de falar, tinham vergonha, muitas os maridos não deixavam participarem e há 27 anos os homens tinham a mentalidade que só eles sabiam fazer as coisas, resolver tudo, então essas mulheres ficavam pra trás. Os homens só colocavam as mulheres de protagonistas só para servir de escudo humano no momento que a polícia chegava.*

Como em qualquer grupo, é necessário que exista a presença de uma liderança, no acampamento do Assentamento de Dona Antônia não foi diferente e, dentre esses líderes, existiam mulheres que, além de participarem ativamente nas atividades do campo, assumiam papel fundamental dentro do acampamento, como a exemplo de Maria Nailde que era membro da comissão e desempenhou um papel de articuladora para melhor providenciar, junto com os outros integrantes da comissão, as melhores ações para que os camponeses pudessem resistir aos ataques do latifundiário. Segundo Maria Nailde, as mulheres sempre tinham participação nessas ações:

*A gente, enquanto comissão, coordenava as reuniões, aí tirava grupo de pessoas pra ir realizar algumas atividades e, dentro dessas atividades, as mulheres estavam sempre engajadas, por exemplo, ir na prefeitura atrás de alimentos, de semente, outro grupo que ia pra CPT buscar roupas, aí quando chegavam já tinha outro grupo para separar aquelas roupas para fazer as doações, outro grupo recebiam as visitas de entidades religiosas, de políticos, de pessoas da justiça e*

*tinha que ter uma pessoa alí da comissão para ir direcionando. Quando chegava os despejos sempre tinha alguém da comissão a frente para negociar porque quando a polícia chegava e pra não sair invadindo, matando ou batendo nas pessoas, daí isso era uma forma de se caminhar mais organizado, e eu cheguei a participar das negociações com a polícia para que eles não usassem da violência contra nós.*

Apesar de ter a participação de mulher na comissão, nas reuniões não existiam assuntos específicos para elas, nem existiam reuniões feitas das mulheres com as mulheres como uma forma de fortalecer elas mesmas, os assuntos eram direcionados ao grupo em geral.

As mulheres tiveram acesso a reuniões voltadas para elas somente após a desapropriação das terras, em que a CPT criou a reunião com as mulheres com o objetivo de esclarecer sobre o seu papel no movimento, seus direitos e os caminhos para resolverem os aspectos burocráticos da comunidade. Mesmo com as dificuldades, as mulheres se organizavam, alugavam carro para a locomoção, pois a princípio as reuniões não aconteciam na comunidade, aconteciam na cidade de João Pessoa, depois passaram a acontecer na sede da associação dos agricultores do assentamento Dona Antônia. Segundo Silva (2016, p.48):

*As camponesas começaram a formar a consciência do eu, ou seja, dando-se conta de sua condição de mulher camponesa. Quando se reúnem para pensar juntas e se organizam para lutar e conquistar seu “pedaço de chão”, elas acabam formando a consciência do nós, legitimada a partir das relações sociais.*

As mulheres tomaram consciência de seu verdadeiro papel em contribuir no processo da conquista pela terra e os homens, engajados nas atividades que exigiam mais esforço físico, consideraram a atuação dessas mulheres fundamental no processo de resistência e compreenderam que a luta por meio dos conhecimentos fortalecia ainda mais o grupo a caminhar com o fazer em comunidade, ou seja, à medida que as informações sobre o processo de desapropriação das terras chegavam para os agricultores e as notícias eram favoráveis para eles, então fazia sentido a resistência deles em permanecer lutando pela conquista da terra.

No contexto da educação no campo, os conflitos e as tensões entre os camponeses e os senhores ditos “donos da terra” fortaleceram os trabalhadores no

assentamento Dona Antônia no sentido de gerar um sentimento de união e, conseqüentemente, uma organização mais eficaz por parte deles. Isso significa dizer que quanto mais o ex proprietário das terras, Almir Correia, ordenava seus capangas a destruírem as produções das lavouras dos agricultores e manobrava a polícia para realizar os despejos nas áreas ocupadas, os trabalhadores organizavam-se entre si por meio das reuniões frequentes no acampamento na qual a comissão deliberava as ações do grupo, como por exemplo, a criação dos mutirões e, ao mesmo tempo, tinham consciência que a única forma de combater o latifundiário era através da união deles. Essas reuniões, junto com membros da CPT era uma forma de avaliar se as estratégias do grupo estavam caminhando para o lado certo da luta, ou seja, a resistência em permanecer na terra e o plantio e cultivo das lavouras.

O processo educativo na luta das camponesas se faz presente quando elas percebem que precisam ajudar seus companheiros a resistirem aos frequentes ataques do então proprietário da terra<sup>19</sup> e, de imediato, procurarem ajuda através das organizações que davam apoio aos movimentos sociais, no caso a CPT (Comissão Pastoral da Terra) e a igreja católica. O trabalho da igreja católica era espalhar as ocupações, motivando outras em diferentes lugares, já a contribuição da CPT, que já possuía uma articulação nacional, era manter o contato entre os trabalhadores semterras de vários estados.

A participação de algumas mulheres de Gurugí, comunidade vizinha de apoio, das reuniões no acampamento possibilitou o fortalecimento do grupo, pois essas mulheres já tinham a experiência da luta pela conquista pela terra naquela região e levavam informações para a comissão pois tinham ligação com entidades religiosas, com a CPT, como também conheciam pessoas que tinham acesso ao ex-proprietário das terras, como a exemplo dos arrendatários de Gurugí. Uma dessas mulheres foi Rosilda que foi perseguida e presa pois se destacou nas lutas de Gurugí, pois tinha a iniciativa de buscar informações a respeito do processo de desapropriação da terra, por denunciar à imprensa sobre as ações violentas da polícia contra os agricultores e por mobilizar pessoas das comunidades de Gurugí para realizarem protestos quando era necessário reivindicar algum direito. E quando ficou sabendo, através de uma

---

<sup>19</sup> Os ataques, por parte do ex-proprietário das terras, o senhor Almir Correia, consistiam em ordenar seus funcionários a destruir as plantações dos acampados com o uso de tratores.

integrante da CPT e líder comunitária de Gurugí, dona Lenita, da ocupação nas terras da Fazenda Baraúnas Tabatinga, logo se prontificou para apoiar também.

A iniciativa de algumas mulheres em procurar informações, junto à CPT para ajudarem o grupo, fortaleceu o acampamento, pois, agora, eles sabiam quais seriam

---

os próximos passos a serem dados com o intuito de continuar resistindo e saberem se estavam no caminho certo pela tão sonhada conquista da terra. Essas mulheres se destacaram e, conseqüentemente, foram perseguidas a ponto de terem que mudar de região para que não fossem mortas. Esse comportamento protagonista dessas mulheres transformou a visão de organização das camponesas em lidar com as situações de conflito. Rosilda “sentiu na pele” a perseguição ordenada pelo expropriário da terra:

*Particpei das lutas de Gurugí I e II e já vinha uma perseguição contra mim desde a luta de Gurugí II e quando me envolvi na luta do assentamento de Dona Antônia, eu já era apontada como uma pessoa que liderava na luta. Naquela época as pessoas que lideravam a luta sofriam perseguição, por isso fui perseguida até chegar ao ponto de ser presa no momento da luta.*

Além de ser apontada como uma liderança no acampamento, uma atitude de Rosilda durante a invasão da polícia no galpão provocou ainda mais a perseguição contra ela. A ação dos policiais estava sendo comandada pelos Capitão Cunha e pelo Coronel Virgílio e, como os policiais chegaram agressivos com a segunda ordem de despejo, derrubando as panelas que estavam cozinhando os alimentos para os camponeses e apagando o fogo, Rosilda, corajosamente, subiu na cocheira, onde eram criados os gados de Almir Correia, e proferiu as seguintes palavras: “Coronel Virgílio, nós vamos obedecer a ordem de despejo, nos dê trinta minutos para desocupar o local”. Após essas palavras de Rosilda alguns companheiros tentaram colocar adereços nela, como chapéu e roupas longas, para que não fosse reconhecida pelos policiais. Mas não teve jeito, porque os policiais começaram a procurá-la como um “alfinete” no meio dos demais companheiros e encontram-na. Sobre esse episódio, dona Teca relembra sua ação para impedir a prisão de Rosilda:

*No momento que a companheira Rosilda foi presa, fui eu quem segurei no braço dela pra polícia não levar, o policial puxava de um lado e eu*

*do outro, daí Rosilda pediu pra soltar ela que ela ia. Deixei ela ir porque ela pediu porque se não fosse o pedido dela tinha sido feia minha briga com o policial.*

Na época da prisão Rosilda estava grávida de dois meses, mas seus companheiros de luta não sabiam, apenas sua mãe, Bahia, que, no momento em que sua filha foi presa, exigiu que fosse junto para acompanhá-la.

Em meio aos grandes desafios da luta pela terra, como o de ter que enfrentar os latifundiários, que são pessoas capazes obterem seus objetivos utilizando-se de poder econômico, é importante destacar que o protagonismo das mulheres camponesas no assentamento Dona Antônia serviu como instrumento para transformar a identidade do grupo, agora um grupo fortalecido, aguerrido e construindo um sentimento de liberdade de um povo que tinha como principal objetivo de adquirir um pedaço de chão, cultivar suas lavouras e melhorar a situação social e econômica de sua família. Os sinais concretos desse protagonismo pode ser encontrado no depoimento de Nadilza, 53 anos:

*Recordo também que na comissão<sup>20</sup> do acampamento tinham mulheres que faziam parte e também a presença delas quando decidimos colocar uma escola no acampamento para que as crianças não ficassem sem estudar. A nossa rotina era estar a frente na cozinha, nos mutirões, eram as mulheres que puxavam os mutirões. Da vez que o trator cortou a lavoura da gente, feijão e jerimum, no outro dia a gente já tava de volta dentro da terra e foram as mulheres que tirou de frente junto com as mulheres do Gurugí I para fazer nova plantação e, dessa segunda vez, colhemos. O papel da mulher na conquista da terra foi muito eficiente porque em tudo ela participou, como, por exemplo, da organização do acampamento, da escola, catecismo, organização das missas, etc.*

Durante a formação da comissão no acampamento, liderada pelos membros da CPT, surgiram nomes de mulheres para participar desse grupo que direcionaria as atividades dentro do acampamento para uma melhor organização dos camponeses, mas nem todas aceitaram participar. Uma dessas mulheres foi Maria Nailde que

---

<sup>20</sup> A Comissão era um grupo de trabalhadores que eram responsáveis em direcionar as atividades dentro do acampamento e esses trabalhadores foram escolhidos pelos membros da CPT e demais trabalhadores durante uma reunião.

contribuiu, através da sua boa forma na articulação das palavras, na participação da comissão.

Durante o período do acampamento, os trabalhadores e seus filhos puderam vivenciar diversos momentos importantes para a união do grupo, como o fortalecimento da fé através das missas e do catecismo; e da presença da escola. As mulheres tomaram a frente dessas responsabilidades organizando as missas (limpeza do local onde se realizaria, participação nos cânticos e nas leituras, ornamentação do Altar); no catecismo as mulheres ensinavam às crianças sobre o Evangelho e também

---

era voltado para prepará-las para o Sacramento da Primeira Eucaristia. Na escola a formação da equipe dos professores era composta apenas por mulheres, mulheres que se disponibilizaram a ajudar as crianças com o pouco de conhecimento didático que possuíam, mesmo sem o título de professoras. O espaço da missa simbolizava para os camponeses a reflexão do sacrifício de Jesus Cristo que, pelo sofrimento e Sua Morte na Cruz, salvou a humanidade, então os padres buscavam encorajar os camponeses para que, mesmo com as dificuldades e sofrimentos ali presentes, não desistissem de conquistar a terra. A escola, que amparou tanto crianças quanto adultos, era um espaço voltado para o ensino formal, mas também era um meio de empoderar os analfabetos através da informação, sendo uma necessidade importante os camponeses terem acesso ao conhecimento de seus direitos.

Quando os camponeses realizaram a primeira entrada nas terras de Almir Correia ficaram acampados, mas com 11 dias aconteceu o primeiro despejo<sup>21</sup>. Após esse episódio, ficaram acampados às margens do rio Gurugí, passaram ali alguns dias e depois foram remanejados para a comunidade de Gurugí I, onde passaram mais alguns dias. Depois ficaram acampados na estrema de Gurugi I com a fazenda do ex-proprietário Almir Correia. Quando estavam acampados ali, chegou até os camponeses, através da CPT, um comunicado que Frei Anastácio estava sendo

---

<sup>21</sup> **Ação de despejo** é a medida processual pela qual o proprietário de um imóvel pode retirar dele um inquilino, por vários motivos, entre eles a falta de pagamento dos alugueres (chamada juridicamente de "*denúncia cheia*"), ou apenas pela vontade do proprietário em reaver o bem ("*denúncia vazia*"), de acordo com as previsões vigentes no sistema legal ao qual se subordina a relação de inquilinato. Fonte: AÇÃO DE DESPEJO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=A%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_despejo&oldid=63592848](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=A%C3%A7%C3%A3o_de_despejo&oldid=63592848)>. Acesso em: 15 Agosto. 2022.

acusado de maus tratos às crianças por elas estarem fora da sala de aula e, foi a partir desse acontecimento, que surgiu a ideia de montar uma escola no acampamento. Maria Nailde descreve o processo que culminou na implantação da escola no acampamento:

*Hoje no assentamento, temos a associação dos agricultores onde temos a diretoria que é composta de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e fiscais, mas na época não era diretoria era comissão e hoje faço parte da diretoria como fiscal. Eu, juntamente com outros companheiros da comissão no período do acampamento, fomos até a escola mais próxima procurar vagas para matricular os filhos dos acampados, que é a escola municipal José Albino Pimentel. Ao chegar na escola, a diretora muito generosa e sábia, sugeriu que a*

---

*gente montasse uma sala de aula no acampamento na qual seria um anexo desta escola, localizada em Gurugí I, uma vez que seria muito distante e perigoso o deslocamento das nossas crianças.*

**Figura 16 - Apoio da comunidade de Gurugí em oferecer espaço para os acampados após o primeiro despejo.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

Para que essa realidade pudesse se concretizar dentro do acampamento, era necessário que houvesse a presença de professores, mas não tiveram êxito nessa parte pois os professores não aceitavam a sugestão da secretária de educação do município de Conde para lecionarem no acampamento e justificaram por ser longe. Então a comissão do acampamento teve que procurar a melhor solução para resolver esse impasse, foi quando Maria Nailde se dispôs a ajudar as crianças e os adultos no processo de alfabetização:

*Nós tínhamos preocupação porque tinham muitas crianças fora da escola e muitos adultos também. Eu não tinha formação de professora nem objetivo para tal, pois vim pra ser agricultora para lutar pela terra, mas o contexto que vivíamos me empurrou pra ser professora, pois não me conformava em ver tanta criança sendo prejudicada fora da escola. Como tinha um conhecimento de estudo a mais que outros companheiros, passei o assunto para a comissão a qual fazia parte, nos juntamos e procuramos a secretaria de educação de Conde e propomos montar uma escola no acampamento uma vez que tinha muita criança sem estudar e naquele tempo existia aquele projeto “Zé Peão”<sup>22</sup> pra escola de jovens e adultos. O prefeito do Conde, Temístocles Ribeiro, juntamente com a secretária de educação do município, abraçou nossa causa e montamos a escola no acampamento, ensinamos as crianças durante o dia e à noite a EJA (Educação de Jovens e Adultos).*

Essa narrativa de Maria Nailde traz os aspectos da trajetória da questão da educação escolar nos movimentos rurais sem-terra, onde se faz necessária a implementação da escola nos acampamentos. Roseli Caldart descreve essa necessidade nos acampamentos através de sua origem.

*Primeiro: as famílias sem-terra mobilizaram-se (e mobilizam-se) pelo direito à escola e pela possibilidade de uma escola que fizesse diferença ou tivesse realmente sentido em sua vida presente e futura (preocupação com os filhos). As primeiras a se mobilizar foram as mães e professoras, depois os pais e algumas lideranças do Movimento. Aos poucos, as crianças também vão tomando lugar, e algumas vezes à frente, nas ações necessárias para garantir sua*

---

<sup>22</sup> O Projeto Escola Zé Peão é uma proposta pedagógica da EJA na cidade de João Pessoa-PB que atende aos trabalhadores da construção civil que, em sua maioria, moram em outras cidades e retornam na sexta para suas cidades de origem. Devido à realidade desses trabalhadores, as aulas acontecem nos canteiros das obras, muitas vezes com improvisos, de segunda à quinta e, na sexta, acontece o planejamento e formação pedagógica já que os alunos estão retornando para suas casas.

*própria escola. Este é, de fato, o nascimento com educação escolar no MST. (CALDART, 2000, p. 145)*

Além de ser um direito para todos, a educação escolar simboliza uma esperança na vida das famílias camponesas, especialmente para os filhos dos camponeses, pois os pais enxergam a escola como uma via para melhoria de sua realidade, o desejo da maioria é que os filhos estudem e possam transformar suas vidas conseguindo conquistar e ocupar novos espaços através da educação escolar, oportunidade que eles não tiveram enquanto crianças, pois a necessidade de trabalhar na roça falou mais alto perante a realidade sofrida que enfrentaram.

Com base nas entrevistas realizadas com algumas camponesas que participaram desde o primeiro dia da ocupação no acampamento, e residem

---

atualmente no assentamento, foi possível resgatar relatos em torno da participação das mulheres, em diferentes contextos, na rotina durante o acampamento com suas experiências pessoais. Essa rotina consistia no envolvimento dessas mulheres nas atividades no acampamento e também como sua participação individual possibilitou com que o grupo obtivesse êxito na luta e, hoje, ocupassem lugar de assentados.

Para compreendermos melhor sobre a vivência dessas mulheres durante o período da ocupação da terra é importante conhecermos sobre as experiências anteriores que as levaram até o acampamento.

O primeiro critério é a **SITUAÇÃO FAMILIAR** que consiste em retratar como viviam essas mulheres em relação à constituição de suas famílias:

*Morava no Gurugí<sup>23</sup>, na casa dos meus pais, e cheguei no acampamento pela manhã no dia 20/11/1995. Era mãe solteira de três filhos. (Nadilza)*

---

<sup>23</sup> Gurugí I é uma comunidade quilombola vizinha ao acampamento na Fazenda Baraúnas Tabatinga que também teve que enfrentar os latifundiários e os camponeses, através de muita resistência, conseguiram a desapropriação das terras. Comunidade que teve dois camponeses assassinados: Zé de Lela e Bila (Severina).

*Antes de vim pro acampamento eu morava em Cupiçura, um distrito da cidade de Caaporã<sup>24</sup>, casada e mãe de duas filhas. (Maria Nailde)*

*Antes de vim pra cá, morava em Capim Açú, era casada e tinha 6 filhos, sendo que só quem veio comigo foi o mais novo de 12 anos. (Dona Teca)*

As comunidades rurais que essas mulheres moravam antes de irem para o acampamento são pertencentes ao estado da Paraíba e, principalmente, próximas às terras que estavam prestes a serem invadidas. Apesar da composição familiar dessas três mulheres ser distinta, há algo em comum entre elas: os filhos. A condição de mãe tornou o sonho dessas mulheres em adquirir um pedaço de chão ainda mais como um propósito de vida, pois poderiam plantar, colher, morar e garantir uma vida e futuro melhores para seus filhos.

---

O segundo ponto é a **SITUAÇÃO ECONÔMICA** que consiste em situar como viviam essas mulheres e suas famílias financeiramente antes de se deslocarem para o acampamento:

*Quando eu vim para cá, eu vim no impulso porque os meus pais já não me aceitavam em casa também e eu tinha que me virar, porque tinha mais irmãos em casa e as coisas eram bastante difíceis naquela época, tinha que ficar trabalhando pra outras pessoas e ganhava pouco e dependia muito dos meus pais. Como eu nunca fui de fugir da luta eu digo “**então eu vou me engajar aqui**” (Nadilza)*

*Meu esposo sempre trabalhou na agricultura só que era a agricultura remunerada, no corte de cana nas usinas e a gente não se conformava, eu nunca me conformei com aquela situação porque eu via que ele trabalhava muito e ganhava pouco. (Nailde)*

As pessoas chegavam no acampamento e percebiam que era necessário um sentimento de esperança naquele local, pois era uma luta que se iniciava e tinham um desejo de melhorar suas vidas, e a única forma disso acontecer eram os trabalhadores

---

<sup>24</sup> Município vizinho à cidade de Conde-PB.

terem o senso de engajamento e se permitirem experimentar as experiências daquele acampamento que surgia.

E terceiro ponto importante é sobre a descoberta do acampamento:

*O tempo passou, passou, aí quando foi um dia comadre Maria de Garapu veio me avisar, disse que era para nós ir para Alhandra<sup>25</sup> pra uma reunião, passei o dia todinho e ninguém sabia onde era essa terra. mas Frei Anastácio<sup>26</sup> me conhecia de muito tempo desde a luta de Capim Açú, e durante o almoço ele me disse “ Teca você tá sabendo onde é a terra?” Eu disse “Não”, então continuei “se fosse pelo sertão não iria porque sabia que não ia me acostumar”, então o frei disse “É vizinha das tuas terras, é nas terras de Almir Correia. Cheguei lá em torno de uma 7h da manhã acompanhada do meu filho de 12 anos, trazendo comigo apenas um caldeirão, dois pratos, duas colheres e rede pro meu filho, porque eu dormia em qualquer canto (lugar). Ah, pelo gosto do meu esposo e da minha mãe não tinha ido. Ao chegar avistei várias barracas nos coqueiros e tinha apenas dois conhecido: comadre maria de garapu e compadre joana, o esposo dela. Nós tinha uma união que dava gosto, se nós continuasse com essa união até hoje era uma maravilha. Até hoje tenho minhas amiga, eu adoro elas e tenho certeza que elas me adoram também porque nós nunca tivemos discussão uma com a outra.” (Dona Teca)*

*Fiquei sabendo do acampamento através de uma outra pessoa que estava indo pra lá apenas por curiosidade, daí decidi ir também e deixei meus filhos com a minha mãe. Essa notícia fiquei sabendo de um dia pro outro porque da parte da organização do acampamento não sabia e quando o povo chegou pra lá era surpresa pra mim e o pessoal do Gurugí falava que tinha bastante gente e precisa de mais. Quando cheguei procurei o pessoal que fazia parte da CPT, como já **conhecia algumas pessoas que faziam parte dessa comissão**, me dirigi a elas e perguntei como que fazia para se engajar e já foram me aceitando, já mandaram fazer a barraca e voltei para casa dos meus pais só pra buscar os meus filhos porque em casa já não tinha mais apoio e era sozinha na época com três filhos.” (Nadilza)*

*Quando surgiu a notícia de ocupação de terras improdutivas a gente ficou querendo saber como era esse processo e começamos a*

---

<sup>25</sup> Alhandra é um município vizinho da cidade de Conde-PB e tem importância em dar suporte com sedes de fóruns.

<sup>26</sup> **Antonio Ribeiro**, conhecido popularmente como **Frei Anastácio**, é um frade e político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Iniciou sua trajetória política organizando movimentos de trabalhadores rurais, na década 70, no litoral sul paraibano. Posteriormente, ajudou a fundar a Comissão Pastoral da Terra (CPT).

*participar de reuniões na igreja católica em Alhandra, aí se reuniam as pessoas que trabalhavam na CPT, os padres, freiras, comerciantes, donas de casa, agricultores e outras pessoas que estavam na mesma situação do meu esposo. Então a gente resolveu entrar nessa briga porque sabíamos que existiam essas terras improdutivas, e o latifundiário sempre existiu e a terra sempre foi mal distribuída, poucos com tantos e muitos sem nada. No dia 20/11/1995 chegamos, eu, meu esposo e minhas filhas, pela madrugada, fizemos nossas barracas e ali fomos lutar pelo pedaço de terra para que pudéssemos ter nosso sustento. (Maria Nailde)*

No período que desencadearam as lutas pela desapropriação das terras na Paraíba, em especial às relacionadas na região do litoral sul do território paraibano, Frei Anastácio foi um padre que se envolveu nos movimentos sociais sem-terra em busca do direito à conquista da terra aos camponeses, e essa atitude dele em estar ao lado da classe pobre resultou na perseguição que enfrentou dos grandes latifundiários da região, como acusações sem provas, ameaças de prisão e atentados à sua vida.

Mas essas perseguições não pararam as atividades do padre, pelo contrário, faziam com que ele continuasse a lutar junto com os camponeses. O papel de Frei Anastácio a princípio era motivar e encorajar os trabalhadores rurais a apostar em um novo começo, era o que restava aos camponeses para escaparem da realidade sofrida e fazia com que eles buscassem melhores condições de vida e a descoberta de ocupação nas propriedades improdutivas era uma esperança para tal desejo, então era comum que alguns companheiros de luta se encontrassem entre as várias experiências das comunidades e assentamentos que passaram pelo período de luta e resistência para conquistarem a terra.

Para os camponeses que chegavam ao acampamento, provindos de diferentes localidades da Paraíba, deixar toda uma história para trás (familiares, cultura) e buscar o novo não foi decisão fácil, mas quando há um objetivo em jogo, todo esforço vale a pena. Para poderem focar no objetivo de conquistar a terra, os camponeses precisaram encarar o novo, o desconhecido, e estabelecer relações que pudessem alimentar o sentido coletivo, era necessário transmitir afetividade uns com os outros e, através desse sentimento de amorosidade de acolhimento do outro, surgem as relações de afinidades que são indispensáveis no processo motivacional dos sujeitos

a continuarem na luta. Essas relações entre os sujeitos que resultam em lutarem pelo coletivo está expresso na essência dos movimentos dos trabalhadores rurais semterra “UM POR TODOS E TODOS POR UM”.

Alguns membros da CPT já eram conhecidos pelo fato de estarem engajados em outras lutas de outras comunidades que também lutaram pela desapropriação das terras, como Nadilza morava no Gurugí e acompanhou a luta de lá também, ela conhecia algumas pessoas da CPT. Alguns de seus membros moravam em Gurugí, como Dorival e Dona Lenita, por isso que algumas pessoas dessa comunidade que foram participar do acampamento na Fazenda Baraúnas Tabatinga, eram familiarizados com esses membros da CPT.

Nadilza também descreve alguns momentos em que as mulheres se destacaram em ações dentro do acampamento e relata uma experiência pessoal que ajudou o grupo a se preparar para uma invasão da polícia:

*Começou a “guerra” do proprietário com os trabalhadores e aí é onde entra a importância da mulher e das crianças porque eram os escudos. Quando a polícia vinha era a gente que tomava a frente, quando chegava qualquer coisa no acampamento tinha um sino que batia, corria todo mundo, podia tá onde tivesse, tinha que ficar todo mundo junto e assim a gente era as primeiras a chegar, formava uma roda e os homens no meio e nós como escudo deles, sempre uma barreira que protegia eles, a gente tomava essa atitude e não era os homens que mandava, era a gente que tinha iniciativa de fazer. Na segunda entrada na terra, foram para a cocheira/galpão<sup>27</sup>, então eu e meu pai ficamos na responsabilidade de ficar na vigia dos policiais porque aí a gente fazia o seguinte: eu vinha pro acampamento, tinha alguma notícia de despejo eu corria pro Gurugí e já levava os fogos, aí quando as polícia passava no Gurugí eu soltava os fogos e corria de ladeira<sup>28</sup> abaixo e chegava primeiro que os policial, aquele bando<sup>29</sup> de mulher descendo. Eu pegava os fogos no acampamento e deixava com papai no Gurugí aí quando a polícia passava ele soltava os fogos, o pessoal do acampamento via e respondia com outros fogos, daí já sabia que*

---

<sup>27</sup> Local onde o ex-proprietário da terra, Almir Correia, criava os bois.

<sup>28</sup> A ladeira é referente à descida do pessoal que se deslocava de Gurugí I para o acampamento, pois existia uma ladeira mais acentuada que dava acesso ao rio, por isso Rio Gurugí, e esse rio era vizinho e dava acesso ao acampamento.

<sup>29</sup> Bando, em uma linguagem coloquial, significa conjunto de algo, e, nesse caso, é uma expressão usada pela entrevistada para explicar que era um conjunto de muitas mulheres que desciam para dar apoio ao pessoal do acampamento quando tinha alguma notícia, principalmente, quando a polícia estava a caminho do acampamento.

*era a polícia que tava vindo pro acampamento ou outras pessoas também.”*

Uma observação importante a se fazer é que a casa dos pais de Nadilza era estratégica para que ela assumisse tal responsabilidade, pois essa casa localizava-se na rua principal da rodovia que existe na comunidade de Gurugí.

Apesar das diversas dificuldades que os camponeses enfrentaram na luta, como as perseguições, despejos, acusações e prisões, a notícia da desapropriação da terra chegou aos trabalhadores no dia 16 de maio de 1996. Cada família ficou nos lotes por eles demarcados anteriormente à desapropriação até que novas notícias chegassem a eles através das reuniões.

Após a desapropriação das terras foi formada uma associação dos agricultores e, dentro dessa associação, foi formada também uma diretoria que a partir da conquista da terra assumiria a responsabilidade em direcionar todos os assuntos voltados para a comunidade, não mais comissão como eram denominadas as lideranças do acampamento.

A diretoria, após formada, iniciaram o processo de reivindicação dos direitos da comunidade e os bens necessários para garantirem a comodidade dos

---

agricultores, pois naquele momento ainda viviam em barracas de palha, então era necessária, o mais rápido possível, a construção das casas na comunidade. Por meio das reivindicações da diretoria, a comunidade conseguiu a construção das casas, energia elétrica, água encanada e o prédio da escola.

**Figura 17 - Agrovila do Assentamento Dona Antônia.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

**Figura 18 - Escola no Assentamento Dona Antônia.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022).

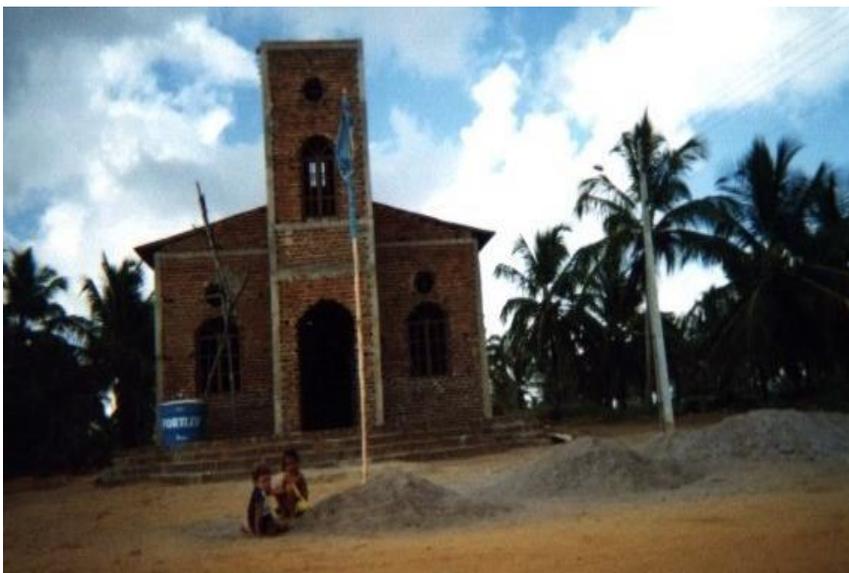
Os agricultores foram acompanhados durante o período da luta por uma pessoa ligada à Igreja Católica, Frei Anastácio, que, além de levar várias vezes comida para o acampamento, carregava uma Cruz.

*A primeira coisa que nós plantamos no acampamento foi a Cruz, que simbolizava pra nós o sofrimento de Jesus Cristo e, se Cristo sofreu, nós tinha que passar por isso. A gente também precisava sofrer um pouco pra poder vencer, a gente sabe que Cristo venceu assim como*

*nós também vencemos. A religião também foi muito importante pra nossa caminhada, pois era também rezando que a gente conseguiu vencer. (Rosilda)*

Depois de construídas as casas no assentamento, os agricultores sentiram a necessidade em construir uma igreja católica na comunidade como forma de continuar expressando a fé herdada desde o período do acampamento.

**Figura 19 - Construção da Igreja Católica no Assentamento Dona Antônia.**



Fonte: Arquivos da comunidade (2022)

As primeiras reuniões da diretoria com os demais agricultores tiveram o objetivo de definir o local a ser construídas as casas, se seriam em formato de vila ou se seriam construídas nos lotes dos agricultores, a maioria decidiu a construção da vila. Outro ponto importante foi a definição do nome do assentamento e duas sugestões foram lançadas: Assentamento Baraúnas (por conta do Rio Baraúnas) ou Assentamento Dona Antônia (em homenagem à mulher mais velha do acampamento), então a maioria concordou em homenagear a companheira Dona Antônia. Também foi escolhido o nome para a escola em homenagem a um companheiro de luta de outra comunidade vizinha, Assentamento Frei Anastácio, que sofreu um acidente automobilístico na entrada da cidade de Conde. A escola passou a ser conhecida como Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental **Reginaldo**

**Claudino de Sales.** Atualmente a escola continua oferecendo a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) durante o período da noite, com as turmas do Ciclos I ,referentes às séries do 1º, 2º e 3º Anos e Ciclo II, referentes às turmas do 4º e 5º Anos do Ensino Fundamental I, já que a escola oferece até essa etapa da educação básica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises deste estudo voltaram-se para a presença de processos educativos que envolveram o protagonismo das mulheres camponesas na luta pela conquista da terra no assentamento Dona Antônia no período de 1995 a 1996, destacando a luta pela terra enquanto construção feminina, o papel social das mulheres na luta e o processo educativo enquanto contribuição para o protagonismo das mulheres camponesas e esse protagonismo se deu através da participação ativa das mulheres nas atividades do acampamento e do assentamento que, mediante esse ativismo, conseguem vencer o medo e buscar melhorias para a comunidade.

O processo de luta da terra permite aos seus sujeitos o aprendizado por meio das suas experiências vividas, sejam os que apenas cooperam com o grupo para fluidez do processo aos que lideram e direcionam as atividades, mas, sem dúvida, todas produzem conhecimento aos camponeses.

A conquista pela terra, através da luta, gera sentimento e significado às camponesas que puderam participar desde o início no processo de conquista.

*Pra mim foi uma conquista importante, a maior conquista das nossas vidas foi a de ter liberdade porque quando você trabalha para os outros você não tem liberdade, é escravo do patrão e quando a gente tomou posse e tivemos o direito a um pedaço de chão e poder construir a casa e montar nosso roçado, isso foi muito importante porque é aquele prazer de dever cumprido, que valeu a pena a luta, valeu a pena o sofrimento. (Maria Nailde)*

Junto a esse sentimento de liberdade que cada camponês lutou para conquistar, também é agregada a dignidade desses agricultores com o direito de construir suas casas, a autonomia de montar o roçado e cultivar suas lavouras, alimentar sua família e comercializar sua produção para que a vida se torne melhor financeiramente e, individualmente, cada família traçar e conquistar mais objetivos.

Após a formação da primeira diretoria da associação, outras foram formadas através do voto individual de cada agricultor no período das eleições na comunidade pelas chapas formadas. A princípio as diretorias eram compostas por homens e a

participação das mulheres era tímida, pois o estatuto da associação permitia que 30% da diretoria fosse composta por mulheres.

A luta pela conquista da terra proporcionou para muitas mulheres camponesas novos saberes através das atividades diárias na comunidade. Após a desapropriação da terra, as oportunidades na busca desses novos conhecimentos se intensificaram através das reuniões dentro e fora da comunidade. Quando nas reuniões era solicitado que um grupo de agricultores participassem de reuniões fora da comunidade, como por exemplo, no INCRA, algumas mulheres participavam para ficarem informadas dos assuntos e, a partir dessas situações, algumas mulheres conseguiram se destacar e influenciar outras mulheres.

*Foi havendo mudanças na participação das mulheres na comunidade, e eu senti a necessidade de melhorar algumas coisas na comunidade, mas que a gente não podia tomar a frente porque eram os homens que estavam à frente. Foi quando eu e um grupo de mulheres decidimos concorrer às eleições na comunidade para podermos conquistar melhorias para a comunidade, a gente sabia que tinha necessidade de conseguir mais benefícios pra nós. Em 2015 um grupo, formado apenas por mulheres, assumiu a diretoria da comunidade com o objetivo de mostrar o nosso potencial naquele momento e o que temos até hoje, não só de trabalhar na roça, mas também o de buscar e conquistar melhorias para a comunidade. (Rosilda)*

As mulheres, através dos conhecimentos que adquiriram na participação de diferentes reuniões, conseguem reconhecer os seus direitos e o potencial que elas têm em lidar com situações de organização, herdados pela participação ativa delas na luta pela conquista da terra e assumem, mais uma vez, papel protagonista à frente da comunidade. Weffort, sobre a ação como consequência da compreensão, discorre que:

*Acontece, porém, que a toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação (WEFFORT, p.105).*

O autor compreende que a consciência crítica é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e

circunstanciais (p. 105) e descreve que a consciência ingênua se crê superior aos fatos, dominando-os de fora e, por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada (p. 105). As mulheres na diretoria, apropriaram-se da consciência crítica, pois estavam vivenciando, na prática, a capacidade de poder opinar e tomar decisões que favorecessem a comunidade, não apenas na representatividade das outras mulheres do assentamento ao assumirem essa responsabilidade, mas, de fato, concretizaram seu potencial desde quando protagonizaram sua participação no acampamento.

*No final de 2015 para início de 2016, a diretoria das mulheres conseguiu um empreendimento, através do “Empreender Paraíba”, um trator completo (grade, carroça, suadeira, roçadeira e arado), um maquinário que a gente tinha uma necessidade muito grande dentro da comunidade. Na época a gente tinha um trator que adquirimos com recursos próprios e servia, apesar de estar velho, mas não dava conta das nossas demandas. Com o novo equipamento melhorou muito a produção dentro do assentamento porque a máquina possui um potencial maior. A partir dessa conquista, as mulheres ficaram mais reconhecidas porque os homens já vinham há vários anos a frente da diretoria e não tinham feito essa conquista, então pra gente mulheres e pra mim, principalmente, que estava a frente foi de uma importância muito grande, graças a Deus, a gente tem esse maquinário até hoje. (Rosilda)*

Com essa conquista as mulheres transformaram os modos de percepção existentes no assentamento Dona Antônia. A luta delas também se caracterizou como um caminho de reparação das injustiças sociais, que sofreram referentes ao preconceito machista, na qual os homens não acreditavam que as mulheres seriam capazes de conquistar benefícios para a comunidade através da liderança.

A partir também dessa conquista alguns homens ficaram insatisfeitos e passaram a não mais frequentar as reuniões da comunidade, talvez por preconceito em não aceitar que as mulheres estivessem à frente da associação. Por outro lado, as mulheres começaram a participar mais das reuniões, sentiram-se mais apoiadas dentro da associação, porque antes poucas mulheres participavam dentro da comunidade. A iniciativa dessas mulheres em formar uma diretoria composta apenas de mulheres, proporcionou que nas reuniões da comunidade, realizadas semanalmente, a presença das mulheres superasse a dos homens. Nesse sentido,

Silva aponta que, “considera-se que os aprendizados individuais e coletivos, no processo do protagonismo das mulheres em luta, resultaram em elevação da consciência de gênero e de classe”(2016, p.109).

Conquistar que a presença das mulheres se tornasse maioria nas reuniões foi um passo muito importante para a diretoria composta pelas mulheres, mas não significa que essa maioria participa ativamente dos assuntos da comunidade. Maria Nailde expressa seu desejo sobre a participação das mulheres na comunidade do Assentamento Dona Antônia:

*O meu desejo é que as mulheres ocupem mais o seu espaço dentro do assentamento, dentro das escolas, dentro da sociedade como um todo, porque, infelizmente, ainda existem mulheres que são dominadas, presas dentro do lar, presas dentro de si próprias, têm vontade de gritar e dizer o que pensa mas não tem coragem. Então meu desejo é que muitas mulheres possam se encorajar e participarem mais das coisas, principalmente aqui dentro do assentamento. Se tivessem mais mulheres participando das vivência do assentamento as coisas seriam melhores porque poucas para correr atrás de benefícios para o assentamento e muitas ficam em casa só esperando. Pela quantidade de mulheres que se tem aqui em comparação a outros assentamentos, se elas se reunissem como em outras comunidades quilombolas e indígenas, por exemplo, que as mulheres têm um papel muito importante dentro de suas comunidades. Nós vivemos numa área turística onde a gente poderia vender nosso turismo para fora, pois temos muitas belezas aqui, temos artesãs, costureiras, cozinheiras, poderíamos montar um centro turístico aqui mas, infelizmente, muitas mulheres se acomodam, se escondem por trás dos maridos pra resolver tudo e não correm atrás dos seus objetivos, têm vontade mas não tem coragem. Se a gente não correr atrás esse sonho nunca vai ser realizado por isso tenho orgulho de mim pois sempre corri atrás dos meus sonhos e objetivos e tudo que quero conquistar e já conquistei na minha vida conquisto pois vou atrás, sou guerreira e o que eu puder fazer para que outras mulheres se encorajam, saiam de dentro de casa e vá lutar, porque a luta não é somente naquele dia 20/11/1995, a luta ainda permanece até hoje e a gente tem que acreditar que nossa luta é até o dia final de nossa vida. Não é porque já temos nossa casa e a terra e cruzar os braços e só isso não, a nossa luta tem que ser constante, lutar pela melhoria da nossa comunidade como educação, saúde, projetos para agricultura familiar, porque se a gente não lutar os projetos nunca saem do papel. O meu sonho é que muitas mulheres se engajem com força porque quando muita gente se reúne, muitas cabeças pensantes as coisas fluem, mas infelizmente aqui são poucas pra fazer e muitos pra criticar.*

Hoje no assentamento existem, felizmente, mulheres de fibra que continuam lutando, engajadas nos projetos, mas algumas não demonstram interesse com os projetos da comunidade. Uma explicação que talvez possa clarear essa falta de interesse é porque algumas delas não participaram da luta, chegaram no assentamento quando as casas já estavam prontas, porque o marido quem participou da luta, então essas mulheres não têm o mesmo espírito de garra e coragem que as que participaram possuem e não deixam de lutar até hoje. Por outro lado, mesmo com as grandes conquistas obtidas pelas mulheres até os dias atuais, é preocupante que algumas ainda sejam submetidas ao silêncio, o qual é difícil de desvendar por conta dos seus próprios medos.

A organização fez parte do processo de educação dos camponeses no movimento do acampamento, pois a vivência dos “companheiros” não era mantida de qualquer maneira, tinham as regras que precisavam ser seguidas por todos, uma espécie de regimento do acampamento. Repetidos desentendimentos eram motivos de expulsão dos envolvidos, objetos encontrados deveriam ser entregues na reunião, caso contrário, a pessoa era punida com a suspensão por algum tempo determinado pela comissão. Essas regras serviam para manter a harmonia entre os agricultores e é uma característica marcante da organização dos Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Além dos camponeses terem que compreender que o convívio coletivo é base para as relações humanas no acampamento, os saberes individuais das camponesas construídos durante o processo de luta são frutos das experiências vividas nesse espaço e esses saberes estão relacionados com o lugar que ocupam hoje no assentamento.

*Fico olhando pelo retrovisor quem eu era e quem eu sou. Era uma pessoa que era dona de casa, me casei muito cedo e onde eu vivia e onde fui criada mulher era para casar, ter filho e cuidar do marido e quando eu vim para esse lugar eu percebi que o meu lugar não era apenas esse, eu tive um leque de oportunidades, de conhecer e ter outras vivências. A experiência que adquiri nesses anos pra mim foi riquíssima, como pessoa, como profissional. Hoje sou independente, posso caminhar com minhas próprias pernas, me envolvo nos projetos da minha comunidade, participo e gosto e onde entra a política, pois tudo no nosso contexto social envolve políticas, porque temos que*

*brigar por políticas públicas, por melhorias na nossa comunidade porque não podemos cruzar os braços e deixar que os outros decidam por nós. E esse amadurecimento só consegui durante esse processo de luta pela terra, de lutar pelo que acredito, pelo coletivo e essa experiência a gente só aprende na vivência. (Maria Nailde)*

Esse depoimento de Maria Nailde condiz com a investigação realizada neste estudo, direcionado, sobretudo, aos processos educativos envolvidos no protagonismo das mulheres camponesas na luta pela conquista da terra no Assentamento Dona Antônia, como também os impactos positivos que essas mudanças no comportamento dessas mulheres trazem para a comunidade.

A atuação das mulheres camponesas na luta pela conquista da terra no acampamento e, atualmente, no assentamento Dona Antônia, é digna de admiração porque são mulheres que enfrentaram seus medos e tornaram-se mulheres cada vez mais aguerridas e, por essa razão, não poderiam deixar de ficar registradas as sementes que essas mulheres plantaram na luta e hoje estão colhendo os frutos, que são suas conquistas pessoais e comunitárias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque et al . **Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011)**. *Rev. Econ. Sociol. Rural*, Brasília , v. 51, n. 4, p. 745-764, Dec. 2013 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032013000400007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000400007&lng=en&nrm=iso)>. access on 25 Mar. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032013000400007>.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70: LDA, 2006.

BRANDAO, C. R. **Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador/ Carlos Rodrigues Brandão**, - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

BRANDÃO, C. R. **O processo geral do saber (a educação popular como saber da comunidade)**. In: *Educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 14-26.

BRANDAO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **[Constituição (1988)] Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso 20 de junho de 2022.

BRASIL. **[Constituição (1988)] Constituição da Republica Federativa do Brasil. Lei nº 8.629, de 25 de Fevereiro de 1993** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8629compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8629compilado.htm)>. Acesso 20 de junho de 2022.

CALDART, Roseli Salete, **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola/Roseli Salete Caldart**. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2000 p. 143-254.

CASTELANO, MARIA JOSÉ. **MST, trabalho, educação e ideologia**. XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social, natal - rn, p. 1 - 14, 26 jul. 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364850774\\_arquivo\\_mst,trabalho,educacaoeideologia.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364850774_arquivo_mst,trabalho,educacaoeideologia.pdf). acesso em: 12 jul. 2022.

DA GLÓRIA GOHN, M. (ED.). **Movimentos sociais na contemporaneidade**. [s.l.] *Revista Brasileira de Educação*, maio-ago. 2011. v. 16

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da*

*pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 1541.

Dias de Jesus, Alex DAS **LIGAS AO MST: LUTA PELA TERRA E A TERRITORIALIDADE CAMPONESA** Revista Geográfica de América Central, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-14 Universidad Nacional Heredia, Costa Rica.

DOMINGUES, P. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo [online]. 2007, v. 12, n. 23 [Acessado 27 Outubro 2022] , pp. 100-122. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>>. Epub 16 Maio 2008. ISSN 1980-542X. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>.

DUARTE, E. L.; GARCÍA, M. F. ESPAÇO AGRÁRIO E MOVIMENTOS SOCIAIS NA REGIÃO DO BREJO PARAIBANO: **O Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB)**. 18a Redor Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no Campo da Militância e nas Práticas Científicas Recife – UFRPE, p. 3784–3793, 24 a 27 de Novembro de 2014.

LIMA DOS SANTOS, P. . **A luta das mulheres nas ligas camponesas da paraíba**. Revista Serviço Social em Perspectiva, [S. l.], v. 6, n. Especial, p. 493–504, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/5619>. Acesso em: 19 set. 2022.

MST. **NOSSA HISTÓRIA**. Disponível em: <<https://mst.org.br/nossa-historia/inicio/>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

PAIVA, D. A. M.; OLIVEIRA, S. M. P. DE. **Olhares femininos sobre a memória da luta pela terra no extremo oeste do Paraná**. [s.l.] Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA), 2020.

PINTO, C. R. **Jardim Feminismo, história e poder**. Revista de Sociologia e Política [online]. 2010, v. 18, n. 36 [Acessado 6 Novembro 2022] , pp. 15-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>>. Epub 14 Out 2010. ISSN 1678-9873. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>.

PONCHIROLLI, Rafaela. O que são movimentos sociais?. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimentos-sociais/>. Acesso em: 11 set. 2022.

REIS, Rossana Rocha. **O direito à terra como um direito humano: a luta pela reforma agrária e o movimento de direitos humanos no Brasil**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 2012, n. 86 [Acessado 6 Novembro 2022] , pp. 89-122. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452012000200004>>. Epub 12 Set 2012. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452012000200004>.

SILVA, Ivanilson Batista da. O protagonismo das mulheres camponesas na luta pela terra. 2016. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8751>>. Acesso em 24 jul. 2022.

SILVA, Janaína Vicente Da Silva. **Margaridas da resistência: Movimento de Mulheres na Paraíba (1970 a 1980)**. TCC (Graduação em História), Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016, p.21

WEFFORT, Francisco C. **Educação e Política (Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade)** p. 101-123. In: FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA DAS CAMPONESAS

### MODELO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Questionário de entrevista direcionado às camponesas do Assentamento Dona Antônia

- 1 - Descreva em que localidade morava e o que a motivou para que ingressasse no acampamento.
- 2 - Descreva a situação/composição da sua família antes de ingressar no acampamento.
- 3 - Descreva como era sua vida (situação financeira) antes de ingressar no acampamento.
- 4 - Descreva como descobriu sobre a notícia do acampamento.
- 5 - Qual era a rotina das mulheres no acampamento?
- 6 - Quais funções as mulheres desempenhavam durante o acampamento?
- 7 - Como foi o início no assentamento: aspectos de organização.
- 8 - Como foi, para você, a conquista da terra numa construção feminina?
- 9 - O que você pensa sobre o papel das mulheres no processo de conquista da terra? E por que você decidiu participar desse processo? O papel refere-se sobre a sua participação, quais os limites e desafios que encontraram enquanto mulheres, como os avanços foram aparecendo e como vocês lidaram com as situações de drama enquanto mães e trabalhadoras no processo de luta.
- 10- O que significa para você a conquista da terra de forma geral? E o que significa a conquista da terra no assentamento?
- 11- O que mudou na vida de vocês por conta de entrar no processo de luta? Quais os sentimentos envolvidos nesse processo?
- 12- Como é a participação das mulheres hoje na comunidade?
- 13- Quem é você hoje? Como você chegou a este lugar que está hoje? O que você faz?
- 14- Como você adquiriu e produziu alguns saberes através do processo de luta e o que foi sabido no próprio cotidiano?
- 15- Quais são os seus desejos em relação a mudanças que possam beneficiar as mulheres?

## **APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APRESENTADO À PRESIDENTE DOS TRABALHADORES RURAIS DO ASSENTAMENTO DONA ANTÔNIA**

Questionário de entrevista direcionado à presidente dos trabalhadores rurais do Assentamento Dona Antônia

- 1 - Como você sentiu a necessidade de ficar à frente dos assuntos da comunidade?
  
- 2 - Qual é a importância deste trabalho para você em resgatar a história do assentamento destacando a importância das mulheres na luta pela conquista da terra?

## APÊNDICE C. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE ENTREVISTAS.

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhora (o) \_\_\_\_\_

Você está sendo convidado(a) para participar, na condição de entrevistado(a), da pesquisa intitulada **A LUTA DE MULHERES CAMPONESAS PELA CONQUISTA DA TERRA NO ASSENTAMENTO DONA ANTÔNIA/CONDE-PB: um estudo sobre os processos educativos**, que está sendo desenvolvida pela pesquisadora MARIA DE FÁTIMA SOARES DA SILVA, Matrícula número (2016068146) estudante do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Magno Tavares da Silva. O objetivo geral desta pesquisa é descrever e analisar a presença de processos socioeducativos na luta de mulheres camponesas no contexto da conquista da terra do Assentamento Dona Antônia, no município do Conde/Paraíba no período de 1995 e 1996, atentando para a construção de um protagonismo das mulheres camponesas. Buscou-se, tomando como aspecto relevante, a recuperação da memória histórica e o protagonismo social das mulheres camponesas nesse processo. O termo protagonismo das mulheres justifica-se pelo fato das mulheres forjaram-se enquanto agentes modificadores da história; elas mesmas conquistando, através da organização, o direito à liberdade de participar das questões culturais, educativas, históricas, econômicas e políticas da comunidade. Enquanto objetivos específicos temos: **a)** Apresentar a luta e a conquista da terra enquanto uma construção feminina; **b)** Recuperar a memória histórica do papel social das mulheres camponesas no Assentamento Dona Antônia no município do Conde/Paraíba; **c)** Analisar o processo socioeducativo enquanto contribuição no protagonismo das mulheres camponesas no Assentamento Dona Antônia no município do Conde/Paraíba. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo à sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Por esse motivo, solicitamos a vossa contribuição para nos conceder entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. A pesquisa NÃO provoca riscos ao seu bem-estar (físico, moral, intelectual etc.).

Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço institucional da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal Contato com a Pesquisadora Responsável: caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para NÚMERO e ENDEREÇO

Endereço: Assentamento Dona Antônia, S/N, Conde-PB, zona rural. Telefone:

(83) 993297580

Atenciosamente,

---

Maria de Fátima Soares da Silva

Matrícula

(2016068146 )

Pesquisadora